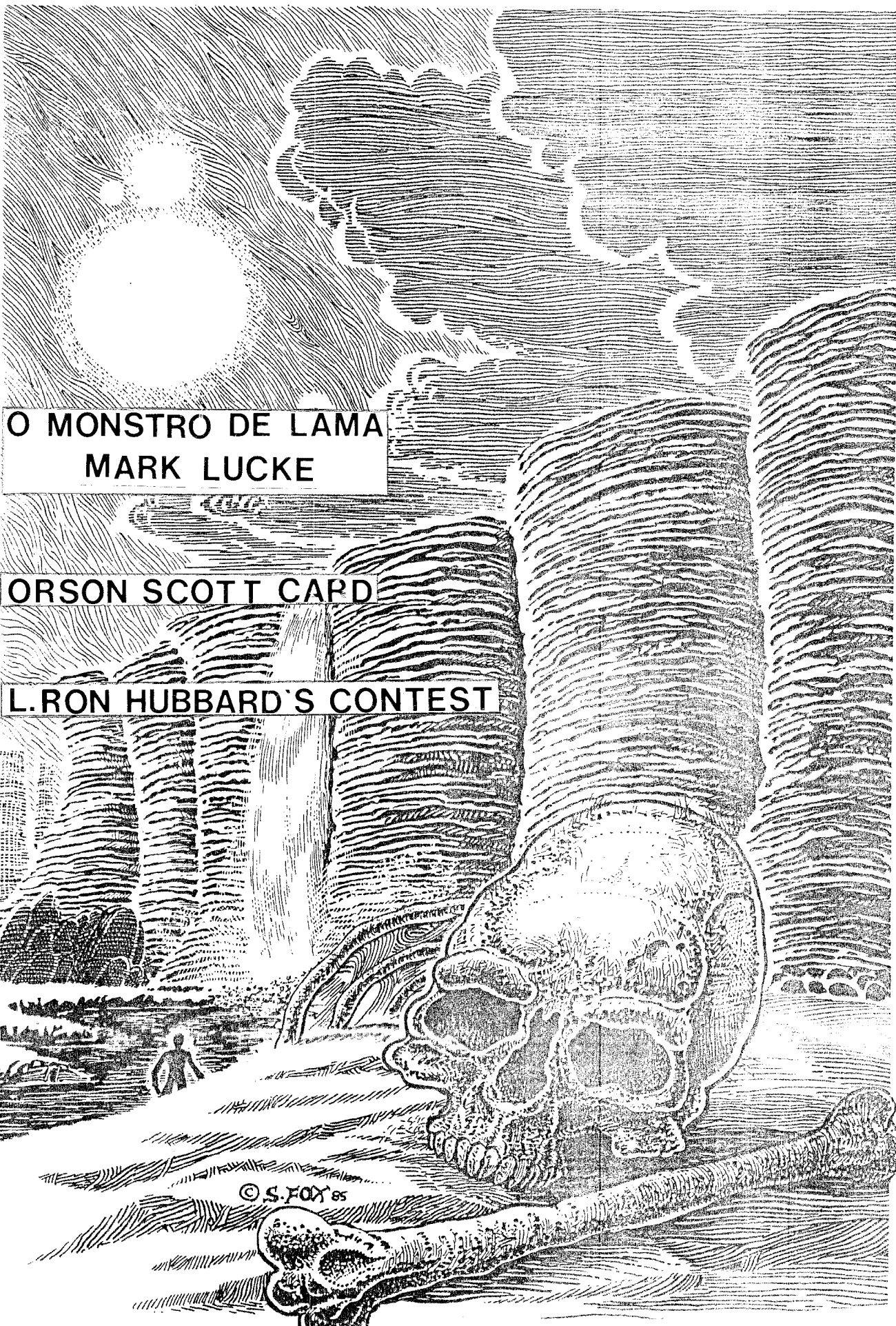


MERLIN

AND II

#10

MAY 1990



O MONSTRO DE LAMA
MARK LUCKE

ORSON SCOTT CARD

L. RON HUBBARD'S CONTEST

© S. FOX '85



Ano II Número 10 Maio 1990

EDITORES: Marcello Simão Branco & Renato Rosatti

Colaboradores: Gilberto Coloccedor, Jonathan Moranu, Jorge Luiz Costa de, Orson Scott Card(USA) e Roberto de Sousa Sousa

Colaboras nesta edição: César R.L. Silva, Mark Lucke(USA), Roberto Sobina e Steven Fox(USA)

Contatos Internacionais: L. Ron Hubbard's Writers of the Future and Illustrators of the Future Contests

EDITORIAL

Come você já reparou, parece um fanzine americano, com muitas atrações internacionais. Temos feito muitos contatos no exterior e parece que temos obtido boa aceitação. Isso é gratificante e nos enche de orgulho, por oferecer um zine quase que bilingüe. Olamy, que vemos e esperamos que você, já brasileiro, continue colaborando, pois antes de tudo, era ótimo para divulgar a produção daqui. Continuamos aguardando seu apoio, especialmente financeiro, neste momento, pois estamos sem dinheiro. Esta edição, saiu por milagre e ajuda de algumas pessoas. Pedimos um voto de confiança ao que deve ser sempre sua assinatura neste mês ou nos próximos meses não será longo e breve.

Apesar da crise econômica, a FC brasileira mantém-se ativa, com nozes, reuniões, coleções de livros, etc. Mas certos setores ainda são os de "profissionalismo" com o gênero. Completou um ano o clube Trakkers Club. Não há o que comemorar devido à má administração atual, tomada a infantis brincadeiras. Os trakkers, mais uma vez, podem ficar ser um pólo de atividade. Que a lógica vulcaniana chegue aos membros do clube antes que seja tarde. Já no Rio, extinguiu-se, por brincadeiras infantis o zine Hiperespacia: The Next Generation. Cargiu junto com o MERCURY e sempre pautou-se por um alto nível. O Grupo-Rio, que o editava, tem membros de peso em nossa FC, não é

ÍNDICE

ARTIGOS

- Uma Nova Era na FC	7
- Quando Chega o Escoridão	9
- Cradle	12
- L. Ron Hubbard's Contest	14

FICÇÃO

- Contos:	
- O Monstro de Lama	17
- A Árvore	23

ILUSTRAÇÕES

●Roberto Sobina	5, 6, 8, 13, 17, 21, 25, 31
●Steven Fox	cape
●Roberto de Sousa Sousa	23

SEÇÕES

- Editorial	2
- Diário de Bordo	3
- Contatos	5
- Poster	16
- Ciência	26
- FC BR	27
- Books to Look For	29
- Classicos	32

ENDEREÇOS

- = Correspondência e envio de trabalhos: Av. Clara Montelli, 110
04771 S. Paulo, SP Brasil
 - = Assinaturas: Rua Traço Ivo Ferraz-de, 40 04773 S. Paulo, SP Brasil
- Ver condições e instruções de assinatura na página 13.

- R.C. Nascimento entregou os originais de seu Catálogo de FC para a Aleph. Ele aborda a FC vista no Brasil e Portugal de 1926 a 1989. Nascimento tem outros projetos, entre os quais um livro sobre prêmios da FC.

- Luiz Saulo Adami, antigo colaborador do extinto Hiperespaço, fundador do Cine Clube Postal e editor do desaparecido fanzine Century City News, publicou um artigo na Cinemim 60 tratando de seu tópico favorito, a Saga do Planeta dos Macacos. O artigo só se concluirá no próximo número. Adami tem um livro sobre o tema esperando publicação.

- Contrariando a notícia do fim do Boletim Antares, chegou até nós o Nº 38 desse fanzine, com a solicitação de que os interessados em atenderem à II Convenção Brasileira de FC escrevam para o Clube Antares, Av. Ipiranga 1865 cj.3, Santana, Porto Alegre-RS CEP 90069. Participe.

- Benício, conhecido capista de livros populares fez 3 capas para cadernos universitários com tema fantasia, calcados nos trabalhos de Boris Valejo. Arranque as capas e cole na parede.

- Surge o fanzine Papêra Uirandê, destinado à crítica e resenha de FC/fantasia. O Nº 1 trouxe matérias de Orson Scott Card, Jeremias Moranu e R.S. Causo. (Cx. Postal 220 Sumaré-SP CEP 13170, F.: (0192) 73 2534.

- O Anuário Brasileiro de FC terá uma 2ª chance. Enquanto as edições de 1988 e 1989 não aparecem, está sendo preparada a 3ª edição do Prêmio Nova de FC, com as categorias Melhor Conto, Fanzine, Ilustrador Fã e Trabalho de Crítica, referentes a 1989.

- Esta nota veio diretamente de nosso trekker favorito, Marcello Simão Branco: "o ator DeForest Kelley passou cerca de 15 dias no Brasil, no mês de fevereiro, (continua



Silvio Alexandre Ferreira Neto, editor da Zenith fala da programação dos lançamentos e dos livros que pretende publicar: "Agora no final de Abril estamos lançando O Jogo do Exterminador, de Orson Scott Card, que dará início a coleção Zenith. Em maio, acreditamos que dentro da IV Mostra de FC, lançaremos Amorquia, de André Carneiro, com uma palestra do autor sobre o Sexo no Futuro (diz o André que será uma palestra com teoria e prática).

O evento parece que será bem concorrido. Em junho lançaremos Islands in the Net de Bruce Sterling. Temos toda uma programação de lançamentos até o final do ano. Infelizmente, só posso adiantar até aqui, pois os outros livros dependem das negociações dos direitos autorais. A princípio tentaremos manter nossa proposta de um livro por mês, isso entretanto, dependerá somente do retorno das vendas. Aproveito para me dirigir aos fãs e pedir ajuda na divulgação dos livros, pois apenas com o retorno em vendas é que poderemos continuar. Acredito que é de total interesse dos fãs que a coleção Zenith vá para frente, pois além dos livros de peso e importância na moderna FC internacional, a programação estarão incluídos vários autores nacionais."

Sobre o espaço para os brasileiros na Zenith: "Bom, de imediato estamos editando aquele que, na minha opinião, é o melhor autor brasileiro de FC na atualidade, André Carneiro. Além do romance inédito Amorquia, acertamos também a publicação do seu próximo romance, que segundo o contrato, será não menos que genial. Outro autor nacional que já faz parte da nossa programação é Nilson Martello, autor de Mil Sombras da Nova Lua e participações em várias antologias. O novo livro, um romance, tem o título Estrela de Amian. Há também vários outros autores nacionais que já estão sendo lidos e analisados pelo nosso Conselho Editorial."

E os novos autores? "Veja bem, nossa proposta é de tentar ajudar o desenvolvimento de uma FC nacional, que nós sabemos está latente e esperando apenas uma oportunidade. Acredito que temos bons autores, alguns já amadurecidos e prontos (infelizmente poucos) e alguns com enorme potencial, mas precisando de tempo, orientação e bagagem para desenvolverem-se. Nossa idéia original era lançar a Zenith com dois livros: O Jogo do Exterminador e uma antologia com 10 contos de autores nacionais com o tema Informática. Recebemos 21 contos. Nosso Conselho Editorial leu e avaliou. Para nossa enorme frustração, somente 4 contos eram publicáveis. O que aconteceu? Contrariando nossas expectativas, o material recebido não atendia ao padrão profissional exigido. Escrever não é apenas colocar idéias no papel. Exige um trabalho criterioso, criativo e principalmente crítico. Cada parágrafo deve ser pensado. As idéias são basicamente sempre as mesmas, o que conta é a originalidade da apresentação. São raríssimos os escritores que sentam e vomitam um conto, na tarde. Lamentavelmente, não conseguimos passar a seriedade do projeto (editar profissionalmente o autor nacional) que envolve pesado investimento de recursos (publicar livro não é fácil e nem barato) e que necessita para isso um cuidadoso critério na escolha e seleção dos textos, diferentemente de um fanzine. Insisto: queremos (e muito) publicar o autor nacional, principalmente novos. A Editora Aleph tem a pretensão (ambiciosa pretensão) de abrir espaço no mercado editorial para que o autor nacional possa acontecer, trazendo para os anos 90 o florescimento da FC como o maior movimento literário no Brasil. Para isso entretanto, é fundamental que os futuros autores modifiquem essa postura amadorística tão enraizada, fazendo assim, que esse movimento possa se fortalecer através da década.

entre Rio e Salvador. Passou despercebido por quase todo o tempo, só foi reconhecido quando estava no Galeão(Rio) se dirigindo para Salvador. Naturalmente foi um fã, que aos berros gritou McCoy! Dr. Leonard McCoy! (exatamente a frase proferida por Kirk ao reencontrar o doutor em A Cidade à Beira da Eternidade, será coincidência?). O ator tirou fotos com este trekker e disse que pensou que ninguém conhecia a série aqui no Brasil. Apesar de ter dito que sabe da existência de dois fã-clubes em SP. Teve gente que nem dormiu depois dessa!!" — E eu acredito!



INTERNACIONAL

Atenção para os indicados ao Nebula - 1989:

ROMANCE

Boat of a Million Year, Poul Anderson
Prentice Alvin, Orson Scott Card
Good News From Outer Space, John Kessel
Ivory, Mike Resnick
The Healer's War, Elizabeth Scarborough
Sister Light, Sister Dark, Jane Yolen

NOVELETA

Sisters, Greg Bear
Silver Lady and Fortyish Man, Megan Lindholm
For I Have Touched the Sky, Mike Resnick
Fast Cars, Kristine Kathryn Rusch
Enter a Soldier. Later. Enter Another., Robert Silverberg
At the Rialto, Connie Willis

NOVELA

Mountains of Mourning, Lois McMaster Bujold
Great Work of Time, John Crowley
Marid Changes His Mind, George Alec Effinger
A Touch of Lavender, Megan Lindholm
Tiny Tango, Judith Moffett
A Dozen Tough Jobs, Howard Waldrop

CONTO

Adinkra Cloth, Mary Aldridge
The Ommatidium Miniatures, Michael Bishop
Lost Boys, Orson Scott Card
Boobs, Suzy McKee Charnas
Ripples in the Dirac Sea, Geoffrey Landis
Dori Bangs, Bruce Sterling

- Criado o Turner Tomorrow Award, pela iniciativa de Ted Turner, através da Turner Publishing Inc. Muito preocupado com a questão ecológica, Turner quer que o prêmio, na verdade um concurso de romances, sirva de estímulo para o surgimento de idéias que representem alternativas positivas para fazer face aos problemas ambientais. Os juízes incluem Ray Bradbury, os publishers Ian e Betty Ballantine, o naturalista Peter Matthiessen e os escritores de mainstream William Styron e Wallace Stegner. Mas o que assusta mais é o valor monetário dos prêmios US\$ 500 mil para o 1º e US\$ 50 mil para 4 menções honrosas. Os romances devem se passar num futuro próximo, 1991-2021. Ao ganhador garante-se a publicação.
- O Departamento de Linguagens Estrangeiras da Universidade de Hangzhou, na China Popular, criou um centro de pesquisa para FC, esperando "Promover o escrever e estudar da FC como gênero literário na China; promover traduções chinesas de histórias de FC estrangeira, no velatas, novelas e romances, tanto quanto trabalhos acadêmicos sobre FC; etc", incluindo a confraternização entre fãs e autores. Vamos olhar pra baixo e seguir o exemplo.
- A revista Locus de março trouxe um artigo deste colunista, comparando a FC brasileira dos anos 60 com a da década de 80. Fotos da passagem do editor Charles M. Brown, Frederik Pohl e Elizabeth Anne Hull pelo Brasil acompanham a matéria.
- Orson Scott Card está presentemente trabalhando no romance Xenocide, seqüência da trilogia iniciada com O Jogo do Exterminador e seguida de Speaker for the Dead, ambos vencedores do Hugo e o Nebula — a 1ª vez que um livro e sua seqüência recebe os dois prêmios. Será que Card completará uma trilogia vencedora desses prêmios?
- Vinte anos após iniciada a trilogia Earthsea, de Ursula K. Le Guin, a escritora somará um quarto volume, Tehanu: The Last Book of Earthsea, idealizado há mais de dez anos.
- O Canal Sci-Fi, uma rede de TV a cabo com programação de 24 horas focando FC, fantasia e horror, está mais perto da efetivação. O quadro de consultores inclui Asimov, Gene Roddenberry e Martin H. Greenberg, e a Bantam Books diz que publicidades do canal aparecerão nas capas de suas edições e a editora deverá publicar adaptações do material originalmente feito para a rede.
- Arthur C. Clarke, juntamente com Gentry Lee, seu parceiro (será parceira?) no malhado O Berço dos Super-Humanos, lançou a seqüência do clássico Encontro com Rama. O romance chama-se Rama II e foi, até o momento, bem recebido pela crítica norte-americana. Espera-se um terceiro volume, The Gardens of Rama.
- William Shatner vendeu a continuação de seu razoavelmente bem visto pela crítica, TekWar. O nome é TekLords. Há quem suspeite que Shatner não foi o completo autor de TekWar, recebendo ajuda de algum "ghost".
- Marion Zimmer Bradley sofreu um recente ataque, mas continua escrevendo e editando do leito hospitalar. No rastro dela, Isaac Asimov, que usa marca-passo, passou por uma bateria de exames e deixou de produzir seus artigos científicos distribuídos por jornais do mundo todo (aqui no O Estado de São Paulo), por algum tempo.

CONTATOS

Publicações, realises e eventos recebidos:

= AGONIA AZUL, Editor: Edgar S. Franco, Nº 1, 8 págs, 16,5x21,5 cm, Fanzine de HQ e Poesia, com boas histórias e desenhos. Escreva: Rua 32 nº 1412 CEP 38300 Ituiutaba - MG.

= BRASIL STAR NEWSLETTER: Realise informativo do futuro Fanzine, que terá a volta de R.C. Nascimento como editor: "Trata-se de uma publicação inicialmente bimestral, editada em inglês, que será enviada a um número significativo de publicações profissionais e amadoras em vários países. Trará notícias sobre o que acontece no Brasil quanto a: lançamentos de livros e publicações; fanzines, clubzines e GZines; clubes amadores de FOCF; mostras e convenções; atividades do fandom em geral.

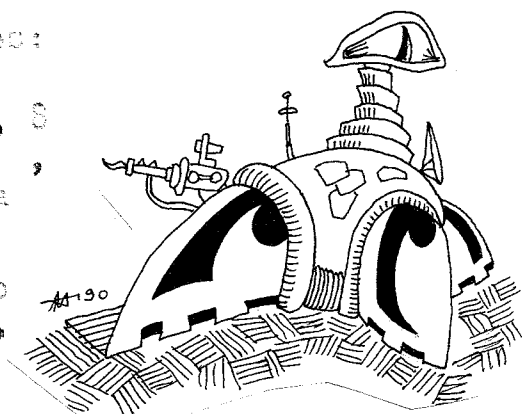
Além do noticiário, cada número poderá ter um anexo. Este anexo é a alma do BSFN, pois fará chegar ao exterior os trabalhos dos autores brasileiros (contos, artigos, ensaios, crítica, poesia, ilustração e assim por diante) dedicados ao gênero.

Como colaborar: os editores de fanzines, clubzines, GZines e outras publicações amadoras deverão encaminhar um exemplar de suas edições para que sejam noticiados no BSFN. Os editores de clubes e responsáveis pelos demais grupos deverão encaminhar as informações que julgarem importantes para serem divulgadas no exterior, referentes às suas entidades. Fãs, em geral, deverão encaminhar todas as notícias, dados e informações que julgarem importante ser difundidas via BSFN. Além disto, poderão encaminhar pedidos para serem publicados como, por exemplo, de procura de correspondentes no exterior.

Como fazer seu trabalho chegar no exterior: Os interessados deverão enviar seus trabalhos já traduzidos para o inglês, em tantas cópias quantas deseje sejam remetidas para o exterior. Seria interessante, ainda, que anexassem um breve resumo pessoal para oferecer como material de apoio ao editor estrangeiro. Uma cópia do material, em português, deverá ser enviada para facilitar a seleção dos trabalhos, caso seja necessário. Recomenda-se cuidado com a produção, em especial com as traduções: vale lembrar que os trabalhos, serão avaliados por editores de todo o mundo que, mesmo amadores na maior parte das vezes, preocupam-se com o que vão oferecer a seus leitores. Os trabalhos deverão ser acompanhados de uma carta com autorização para o BSFN enviá-lo ao exterior para eventual publicação, e indicação dos países para os quais o autor tenha preferência para a remessa do material - podendo, inclusive, para que publicação específica.

Para onde mandar os trabalhos e colaborações: R.C. Nascimento, Caixa Postal 2209 - Ag. Central CEP 01051 S. Paulo - SP

O objetivo ao enviar trabalhos ao exterior é oferecer aos editores do exterior material de boa qualidade para publicação em seus veículos. Espera-se que esta iniciativa possa aproximar os fãs brasileiros do fandom internacional, permitindo um intercâmbio maior que o atual, onde apenas uns poucos fãs mantêm contato regular com o exterior. O constante exercício de escrever e ter material publicado e criticado no exterior certamente contribuirá para o amadurecimento de nossos auto-



res, ilustradores e Artístas. Como o DFTW pretende autorizar a publicação do material sob a condição de autor receber uma cópia da publicação em que o mesmo aparecer, aqueles terão por sua vez a oportunidade de comparar seus trabalhos com os de outros e, assim, revelar suas produções. Finalmente espera-se que, ao acompanhar o que se passa no Brasil e verificar quão poucas são as obras traduzidas e publicadas, autores, agentes e editores estrangeiros acabarão por aumentar seu nível de interesse nas negociações de direitos para o Brasil, ampliando seu mercado e, para nós, aumentando a oferta de material.

= NEU - NEURAL NEUTRALIZER. Editor: Lyle Van Sciver. Nº 52, março 1990, 60 págs., 13,5 X 19 cm. Gincina de fô clube de Star Trek, Starfleet Command. Nos foi enviado pelo amigo Ivo L. Heinz. Notícias do clube, simpões do seriado da nova série, artigos, resenhas, cartas. Erva ainda um clubman, que serve de canal entre os leitores e a editoria. Com fotos e ilustrações. Assinaturas: US\$ 12 por 6 meses e US\$ 24 por um ano. Federation Technician's League P.O. Box 11643 Kansas City, MO 64138--0143 USA.

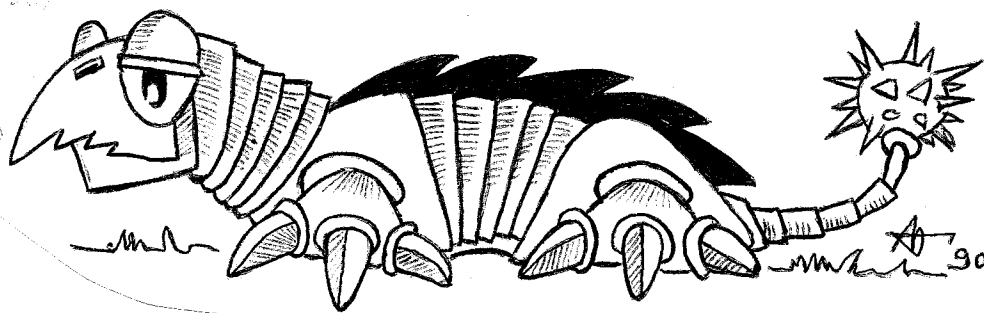
= NEWS FROM L. RON HUBBARD'S WRITERS OF THE FUTURE CONGRESS. Março 1990, 4 páginas, 21,5 X 28 cm. Boletim informativo sobre as atividades da entidade, com notícias sobre os concursos, reportagens, e uma entrevista com Trudis Tohl, P. O. Box 1630 Los Angeles, California 90078 USA -- ver matéria nesta edição.

= PAZERA BRANDÔ. Editor: Roberto de Sousa Sousa. Nº 1, fevereiro 1990, 14 págs., 21,5 X 33 cm, irregular. Mais um sine do amigo Sousa, este sobre crítica e resenha de FC. Capa de Steven Fox, artigos do editor, de Jeronias Verani e do escritor americano Orson Scott Card. Simples e de bom conteúdo. Colabore! Caixa Postal 220 CEP 13170 Suraré - SP.

= SOENIUM. Editor: Carlos André Moraes. Boletim do Clube de Leitores de FC, ano IV nº 42 nov/dez, 1989, bimestral, 22 págs., 21,5 X 29,5 cm. Capa de Steven Fox (ele de novo!), notícias internacionais, artigos, co lunas, resenha, 4 contos, entre eles "Últimos Contatos" de Raul Tiber e a tradicional "Crônicas do André", de André Carneiro, ótima impressão a destacar também. Inclui ainda o fanzine SOENIUM, como brinde. Colaborações: c/c Luiz Marcos da Fonseca, Av. Prof. Jorge Corrêa, 1259 CEP 14300 Araraquara - SP. Assinatura: 2,5 R\$ por uma edição. A/C Sérgio Mine do Costa, Rua Bordenelas, 108/31-B CEP 05468 S. Paulo - SP.

= STAR TREK COMMUNICATIONS. Editor: D.H. Dailey. Boletim oficial do Starfleet Command, Nº 22, out/nov/dez, 1989, trimestral, 16 págs., 14 X 21,5 cm. Capa vermelha, notícias do clube, da série nova, artigos e ilustrações. P. O. Box 23076 Indianapolis, IN 46226-0076 USA.

CONVÊNIO
DE
M. PÁGINA 11



ARTIGOS

UMA NOVA ERA NA HQ

por CESAR R. T. SILVA

Muito se tem discutido, entre os fãs de HQ, o que são de fato trabalhos de boa qualidade. Provaavelmente em todas as áreas artísticas exista a mesma celeuma, pois cada obra impressiona suas platéias de modos infinitamente variáveis. Quando alguém considera um trabalho bonito, gosta; feio, detesta, qualificando-os respectivamente de bom e ruim. Mas os conceitos de feio e bonito, agradável e repugnante, são relativos, dependem de uma série de fatores sociais e particulares, distintos de indivíduo para indivíduo. Portanto os estudiosos da estética artística evoluíram um "novo" conceito de avaliação, que valoriza a entropia, o caos: quanto maior a entropia, as dimensões de leitura e as mensagens contidas em uma obra artística, maior será seu valor qualitativo. Neste aspecto, uma pintura realista de uma paisagem bucólica é (com raras exceções) menos qualitativa que um quadro cubista de Picasso, ou uma tela abstrata de Miró, mesmo que as "sensações" emanadas destas sejam desagradáveis. A repulsa é um tipo de reação que o espectador pode ter, e como tal é igual ao prazer.

Mas porque falar tanto de um assunto tão difícil de compreender se nossa intenção é avaliar uma HQ? Um produto genericamente tratado como infantil e sem valor?

Porque os norte-americanos provavelmente encontraram o seu Picasso. Seu nome é Alan Moore, um roteirista e argumentista que vem produzindo diversas obras para a DC. Seu primeiro grande trabalho, apreciado no Brasil, foi o premiadíssimo "O Monstro do Pantano", o

na das poucas histórias de terror realmente aterrorizante já produzidas nos EUA por um não-latino. Ainda conhecemos outro premiado trabalho seu, "A Plada Mortal", uma obra recente derivada dos experimentos realizados em "Watchmen", que afinal é o nosso assunto.

O que é "Watchmen"? Isso é irrespondível. "Watchmen" é um aglomerado de emoções, sensações, experiências, informações, discussões, e ainda é pouco. "Watchmen" é a história de um presente alternativo, alterado ligeiramente pela existência real de heróis mascarados, vingadores e super-heróis. Você poderia imaginar isso? Será que tais seres humanos agiriam tão infantilmente como "Superman" ou "Os Vingadores"? Seriam assim tão idiotas, na verdadeira realidade da vida?

"Watchmen" já inova por aí, apresentando sua versão e abrindo um leque de possibilidades discursivas, fazendo o oposto do usual: adaptar os personagens às intempéries da existência. Nessa realidade, os heróis mascarados agiram por alguns anos, na década de 40, até serem proibidos por um decreto presidencial - o Decreto Kane. Alguns aposentaram-se, outros tornaram-se agentes do governo, outros ficaram à margem da lei. Cada qual tem sua história e seu drama particular, suas paixões, suas neuroses, seus sonhos. E cada qual debate-se para realizá-los.

Estranhamente, não há super-vilões. Isto porque a vida não é dividida em bons e maus; os vilões são os próprios heróis. Fermeando tudo, dámas de amor, macabras visões de vingança, simbologias que realimentam o trama, renovando ao longo dos 12 episódios, a tensão e o mistério.

Há sequências paralelas espalhadas por todas as estórias, criando expectativa pelos episódios seguintes. Na quarta capa, o sangue escorre sobre os ponteiros de um relógio, prenunciando a catástrofe. As capas de cada edição - no caso brasileiro, apenas 6 - são os quadrinhos iniciais de cada episódio. Os relógios são lembrados a toda hora no nome da série, nas recordações de JON OSTERMAN, o DR. MANHATTAN - o único e suficiente super-ser da trama - o relógio de Hiroshima, o castelo cristalino de Morte... todos marcando o compasso para o fim de tudo.

Não há personagem mais ou menos importante. Todos são personagens do relógio, e suas atuações inter-relacionam-se todo o tempo. Rorschack é um vingador compulsivo, de sprovado de identidade secreta. Se ele não é Rorschack, não é ninguém. O comediante é um fascista convenientemente nacionalista; Nite Owl é um frustrado, que não consegue adaptar-se ao mundo; Silk Spectre é uma mulher insatisfeita como todos mas sem objetivos, seguindo a vida sem saber bem como, e Veidt, ou Ozzy Mandras, um misterioso empresário o bem sucedido, cujos segredos só serão descobertos no final.

Mas a grande novidade é a técnica de roteiro desenvolvida por Moore. Ele manipula os textos e as imagens, com cortes temporais imprevisíveis mas coerentes entre si, "amarrando" a imagem anterior à posterior de modo a surpreender o leitor todo o tempo, exigindo dele participação no jogo narrativo, ainda tendo o cuidado final de fazer o primeiro e o último quadrinhos serem muito semelhantes, fechando a estória de maneira magistral. E ainda criou "encartes", importantes referências para lançar o leitor à realidade alternativa da estória.

Ao fim, um não-fim, ou melhor apenas um adimento. Os dramas retomarão, e nem mesmo os pivôs dos

te episódio na história do mundo poderão mudar isso. Pois o mundo, apesar de tudo, tem sua própria vida e toma suas próprias decisões.

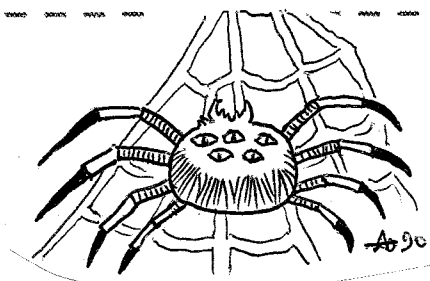
"Watchmen" é um exemplo de como a inteligência pode coexistir com uma arte ainda adolescente. É um dos sintomas de sua maturidade, colocando a HQ norte-americana em pé de igualdade à europeia, japonesa e argentina. Tanto que os desenhos acadêmicos de Dave Gibbons, mesmo não tendo a sensação e a usadia de outros ilustradores, cai como uma luva, e é difícil imaginar "Watchmen" sem Dave.

Só nos resta parabenizar a Editora Abril e os Tatúdios Criarte, pela responsabilidade de nos presentear com esta, entre outras, obra maiúscula da arte mundial. Não é sempre que isso acontece no Brasil.

E aqueles que porventura não lêem em HQ, ou não completaram a leitura, aguardem. É provável que a Abril lance toda a novela encadernada, dentro de pouco tempo. Não perca a oportunidade de experimentar estas novas sensações.

OBS.: Como o César afirmou acima, a Editora Abril lançou no mês de fevereiro uma edição encadernada com 384 páginas, contendo os 12 episódios da série. Espere que você, leitor, não tenha perdido.

WATCHMEN (Idem). EUA, 1987. Publicada pela DC Comics (EUA) e Editora Abril (Brasil). Argumento: Alan Moore; Desenho: Dave Gibbons. Lançada em 12 edições nos EUA e, primeiramente em 6 no Brasil (1988) e este ano em um único volume. Foi premiada com o Hugo Award 1988, na categoria Other Forms.



quando chega a escuridão

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Filmes de horror tem sempre um quê de moralismo. Ao invés de curtirem um saudável companheirismo no campo, a garotada cai na orgia, até que surge Jason, sem convite especial. É como se o espectador precisasse de justificativa moral, encontrada na promiscuidade, para as meretrices e fúpidas vistas na tela.

Os filmes de vampiro nos dizem que há uma armadilha por trás da sedução, prometendo destino pior que a morte para os por ele vitimados. As vítimas normalmente são jovens doces e delicadas que, após a mordida, se mostram deparadas com uma natureza mais e perversa, como se a sexualidade expuser seus lados malignos e vulgares, muito pouco virtuosos.

Um aspecto dos modernos filmes de horror é que eles dificilmente nos chocam. Mamãe dizia para que não víamos tais filmes porque "não iríamos dormir depois", e nós ríamos dela por saber que eles na verdade não nos assustam. Reconhecemos a ênfase na malignidade de Drácula como uma teatralização tão tanta da realidade.

No filme "O Lobisomem Americano em Londres" há uma cena de aparente absurdo, em que um grupo de magarados invade a casa e massacra a família do personagem, num sonho por ele vivido. O choque entre o sobrenatural e o real já não impressiona o espectador. As possibilidades de horror oferecidas pelo nosso dia-a-dia batem de longe a que quer que um lobisomem ou vampiro possam fazer. O horror hoje está nas mãos de profissionais mais competentes: os terroristas e os políticos.

Um filme moderno de horror pode ter um gênero absurdo de morte e mutilações e o espectador apenas boceja e, no máximo, se admira: "Uau! Que efeitos!"

Mas, ainda em 1989, vi um filme que não só me chocou, como me fez pensar que deveria ter obedecido



Na foto, o trio de vampiros formado por Jesse (Lance Henriksen), Diamondback (Janette Goldstein) e Sawyer (Bill Paxton).

ao conselho de mamãe. Por uma semana não pude deixar de repassar mentalmente as cenas do filme, nas situações mais diversas.

Quando Chega a Escuridão (Near Dark) é um filme bem dirigido, com longas panorâmicas e enquadramentos cuidadosos. A diretora Kathryn Bigelow fez um bom trabalho, ainda que eu não possa acreditar que uma mulher foi capaz de produzir um filme tão sensacional.

O jovem Caleb (Adrian Pasdar) não tinha muito o que fazer no seu bichadinho de onete americano. Lá contra uma bola loura "dando sopa" na rua e lhe dá carona, é capaz daquela oportunidade. O que ele não sabe é que ela é uma vampira que mata uma pessoa por noite para sugar seu sangue e sobreviver. Mas como suga uma simpática entre eles, ela não o suga até a morte.

Após a fuga dele, diante do nascer do sol, ela tenta voltar para casa, sofrendo terríveis contorções. Seu pai Loy (Tim Thomerson) e a irmã Sarah (Marcie Lunde) vão vê-lo aproximar-se caminhando e ser espancado por um freguês de vitrola fôma. Lá dentro, uma comunidade de vampiros lhe explica que agora ele é um deles, graças à simpatia da loura Mae (Jenny Wright), e que terá que matar uma pessoa por noite, para sobreviver. Em troca

ganha uma virtual invulnerabilidade e vida eterna, enquanto houver sangue humano e o sol se pôr.

Caleb não consegue ganhar o seu sangue de cada noite, inacepaz de matar. Ele tem que viver do sangue de Mae, que cumpre a sua quota, rasga o pulso e deixa que ele a sugue, com um sensualismo constrangedor.

Mais tarde Caleb prova que não é um pária dentro do grupo, expondo-se heroicamente para salvar aquelas pessoas que, de certa maneira haviam se tornado, involuntariamente, numa nova família para ele.

Pense num grupo de pessoas em que, toda noite, cada uma delas faz uma vítima. Alguns deles durante séculos, a ponto de estilizarem o assassinato. Há uma sequência em particular, passada num bar, onde as cenas são chocantes. Não pela força dos efeitos especiais, que existem mas não são determinantes, e sim pela maneira como as vítimas são mortas de um modo tão cru e indiferente, como se fossem menos que animais.

Há algo de terrível nisso, porque essa comunidade de assassinos ainda pode sentir amor entre si e possuir alguns dos valores que nós, pessoas "normais", aceitamos e prezamos. Apenas os de fora são mortos como se fossem galinhas e quem se torce os pescoços.

Então começo a entender a fonte do meu horror; algo que está em todos nós. A coisa obscura que permitiu a qualquer camponês criador de porcos da Alemanha se tornar um caçador nazista, porque uma ideologia lhe dissera ser seu direito "dispor da vida de um determinado grupo (aliás, os campos de extermínio não estavam longe das granjas de abate). Um recente artigo de autoria de L. Sprague de Camp (+) traça a linha que há de atávico em nosso comportamento, comparando-nos aos chimpanzés, capazes de perseguir até a morte grupos dissidentes, no que há de mais próximo da guerra, entre os animais. De Camp cita exemplos de divisão de classes entre sociedades primitivas e outras nem tanto, onde um grupo humano não possui identificação nenhuma com os de fora, tratando-os como animais.

Em A Marca da Violência o psiquiatra e sociólogo Fredric Wertham tenta explicar os mecanismos dessa

separação: "devemos tornar claro, a nós mesmos, que há uma transição fútil dessa crença para a ideia de que a pessoa racionalmente inferior não é inteiramente humana. O primeiro passo é que ela já não é considerada indivíduo mas é vista como tipo ou estereótipo. O segundo passo é que ela é considerada sub-humana (...). A vítima pode ser riscada da raça humana e considerada forma inferior de vida. É rebaixada à condição sub-humana e já não tem direito nem à piedade. Dessa maneira a violência torna-se aceitável para o homem respeitável. O que se desperta nele não é tanto o ódio e a hostilidade, embora isso, naturalmente, também seja instigado, mas a indiferença; por essa desumanização a violência pode ser explicada, justificada e propagada. Amanda Coomaraswamy, que combateu a violência e o racismo, não foi acreditada quando se revelou, muito antes da era do genocídio, que se uma raça se considera humana e outra 'uma força essencialmente selvagem', deseja ela não só sua completa subordinação como, também, seu extermínio." (++)

Nesse trecho Wertham volta-se para o problema em sua magnitude maior, do povo para povo e nação para nação, sendo que isso se aplica igualmente em escalas mais autorizadas e menores. Não precisamos olhar ao passado para achar exemplos dessa realidade. Tenho colecionado recortes de casos bizarros, como o de um grupo de traficantes de cocaína mexicano que promovia banquetes com carne humana, porque o chefe do grupo afirmara que a prática lhes "fecharia o corpo" para as balas da polícia. Foram descobertos em 1999 e pessoas que os conheciam disseram que o comportamento deles não era diferente do de qualquer um.

Sem dúvida, os vampiros de Quando Chega a Escuridão estão bem longe dos seres malignos sobrenaturais e muito próximos desses grupos ambíguos e reais.

Caleb se vê forçado a conviver com uma comunidade de assassinos, já que distanciar-se deles significaria a morte. Paralelamente seu pai e irmã o procuram, chegando ao confronto com os vampiros e forçando Caleb a sacrificar-se pela sua família original. Afortunadamente seu pai descobre um meio de devolver-lhe sua humanidade, através de

Uma transfusão de sangue.

Por fim, o rapaz tem que lutar, despedido de sua invulnerabilidade, contra os vampiros, para resgatar a irmã que fora sequestrada por eles, que queriam uma revanche pela decapitação de Caleb.

O que choca no filme é esse reconhecimento da comunidade vampírica como próxima de pessoas capazes de, num grupo, relacionarem-se normalmente, ao mesmo tempo em que as de fora são tratadas de maneira desumana. E no reconhecimento de que essa possibilidade jaz em pessoas vizinhas ou em qualquer um com quem cruzamos na rua, sem nos permitir reconhecê-las por qualquer característica externa. Não há mais horror que contatar o monstro atávico que vive nas pessoas e, em nós mesmos.

Quando Chega a Escuridão desloca a mensagem moralista do gênero horror para o comportamento social. O jovem Caleb não teve que escolher entre o Bem e o Mal representados numa analogia entre virtude e sedução. Teve que escolher entre duas famílias, dois modos de vida, duas exigências sociais diferentes.

Uma recontagem do filho pródigo, onde o herói encontra na família a sua humanidade, e que lhe permite enfrentar o que há de perverso em si próprio.

O horror em si próprio, calmamente expectante no seu nicho naquela escuridão próxima, dentro de nós.

(+) "The Ape Man Within Us", de L. Sprague de Camp, "Analog Science Fiction/Science Fact", junho de 89

(++) "A Marca da Violência", de Fredric Wertham, página 91, Edições Tboza, 1969.

QUANDO CHEGA A ESCURIDÃO - Near Dark, EUA, 1987, 92 minutos, cor

Direção : Kathryn Bigelow

Produção : Steven-Charles Jaffe, Eric Red, Edward S. Feldman e Charles R. Necker

Fotografia : Adam Greenberg

Elenco : Adrian Pasdar (Caleb), Johnny Wright (Mãe), Lance Henriksen (Jesse), Bill Paxton (Severin)

CONTRATOS - Continuação da página 6

= STAR TREK. Editores: Maria V. B. Romani, Roger Teobina e Sérgio Furião. Boletim da Soc. Astronômica Star Trek - SAST, ano VII, nº 42, nov./dez 1989, bimestral, 12 págs.(não é frente-e-verso), 16,5 X 21,5 cm. O mais antigo fanzine da TV brasileira: 7 anos de publicação ininterrupta. Edição temática sobre Star Trek V. Capa de Guilhermo Suissa, artigos e críticas sobre o filme, resenha sobre o pôster do filme, notícias internas. Assinaturas: 7,5 R\$ por 6 meses Caixa Postal 13204 CEP 03198 S. Paulo - SP.

= ZONNIUM. Encontro do ZONNIUM Nº 42, nov/dez 89, irregular, 4 págs., 21,5 X 30 cm. Sátira ao boletim do CLFC, ao fandom, a escritores e a si mesmo! Só os iniciados compreendem as piadas grandiosas. Não é vendido separadamente.

Romani, Roger Teobina e Sérgio Furião. Star Trek - SAST, ano VII, nº 42, nov./dez

CALENDÁRIO DE EVENTOS por Roberto de Sousa Causo

Uma lista de eventos próximos para que você possa planejar antecipadamente sua confraternização com autores, ilustradores e fãs. E se você é promotor de algum evento não citado aqui, poderá somá-lo a lista escrevendo para a Caixa Postal 220, Sumaré - SP, 13170 ou me ligando no número (0192) 73 2534. Nos eventos me procure, estarei usando jaqueta ou camisa camuflada e terei comigo uma pasta verde.

Abril - 28 - Palestra CLFC: "A Saga dos Dragões de Anne McCaffrey", por Maria Ângela Bussolati.

Mai - 7 - Palestra CLFC: "FC e Realidade Científica", por Carlos André Mores.

- IV Mostra de Ficção Científica. São Paulo. Debates, exposições, filmes, seções de autógrafos. André Carneiro, H. V. Flory.

Junho - 30 - Palestra CLFC: "Livros Raros de FC", por Caio Luiz Cardoso Sampaio.

Julho - 28 - Palestra CLFC: "Isaac Asimov Magazine", por Fábio Fernandes.

Agosto - 25 - Palestra CLFC: "Monteiro Lobato na FC", por Ivan Carlos Regina.

Setembro - 29 - Palestra CLFC: "Orson Scott Card", por Roberto de Sousa Causo.

Outubro - 27 - Palestra CLFC: com tema ainda indeterminado, por André Carneiro.

- I InteriorCon, "a Convenção da Ficção Científica do Interior de São Paulo" Palestras, debates, exposições venda de material relacionado, seções de assinatura. Convidado de Honra: Orson Scott Card.

Novembro - 24 - Palestra CLFC: "Prot ficção Científica", por R. C. Nascimento.

Dezembro - 29 - Palestra CLFC: "A Tecnologia de 'Star Trek'", por Ivo Luiz Heinz.

Nota: as palestras promovidas pelo Clube de Leitores ocorrem durante as reuniões sociais do clube, todo último sábado do mês, na Livraria Paisagem, Av. São Luiz, 192 - loja 17 - Galeria Louvre - São Paulo.

CRADLE

O novo romance de Arthur C. Clarke, desta vez em parceria com o escritor Gentry Lee,

por JORGE LUIZ CALIFE

Cradle, o novo romance de Arthur C. Clarke, escrito de parceria com o cientista espacial Gentry Lee, é um livro enigmático, um livro enigmático. O leitor bem informado não consegue entender porque, nos primeiros capítulos, com o currículo de Clarke e Lee, escreveram um livro tão fraco e equivocado. Retornando de volta, será que queriam gastar os talentos em provar que se pode publicar qualquer coisa quando se tem fama e prestígio?

Para começar o começo do livro é tão batido que já se tornou um clichê. Espionagem alienígena e variedade é obrigada a fazer um pouco de coisa de na Terra. Evidentemente, os alienígenas esboçaram ao prever certos para ajudá-los a conquistar sua espionagem, mas é claro que essa pessoa não tem que enfrentar a perseguição do governo e de indivíduos mal intencionados enquanto tenta vender os E.T. e de volta para as estrelas.

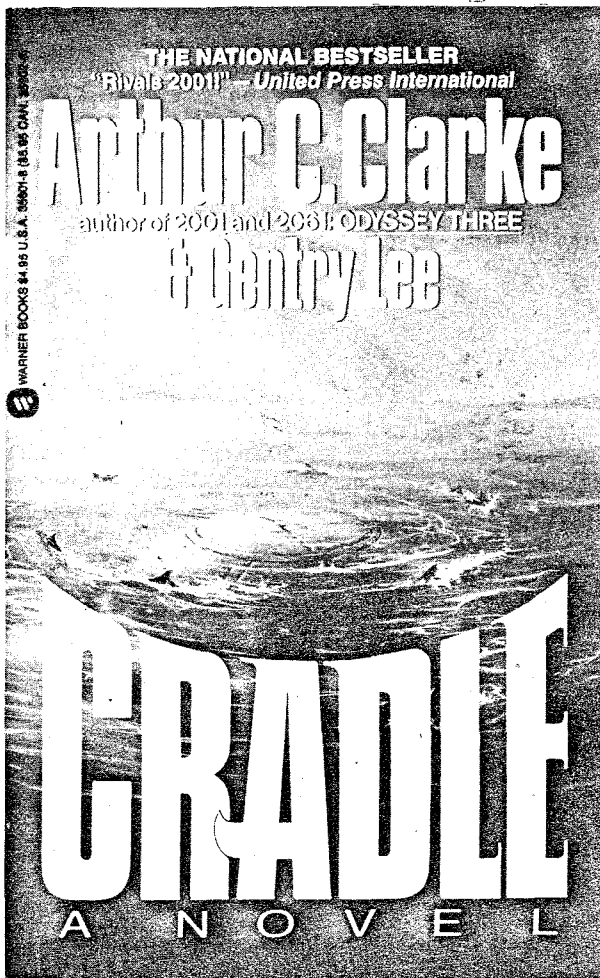
Essa fórmula já funcionou bem em dezenas de filmes de E.T. e a Starman, do clássico Veio do Espaço e do Cate que veio do Espaço de Walt Disney. É decepcionante ver como a ideia é mal aproveitada por autores supostamente competentes de Clarke e Lee. Um livro de 400 páginas os autores gastam 300 descre-

vendo em minúsculas a vida sexual e amorosa dos personagens humanos e só sobram umas 80 páginas para a aventura em si. Tivés de uma história movimentada e emocionante temas uma narrativa lenta e cheia de psicologismos.

É claro que muitas críticas acusam a falta de dar pouca profundidade psicológica a os personagens. Mas se Clarke e Lee estão buscando realismo — ao descrever detalhes nos motivos por trás das ações dos heróis e heroínas — então porque não Lee tão cinematográficas, tão calculadas ou clichês hollywoodianos?

A heroína, Carol Dawson, é uma repórter de tv, jovem, bonita, charmosa, super competente e ainda se diz uma exímia mergulhadora, feita sob medida para encontrar uma nave alienígena em um recife de coral no

Brasil. Seus companheiros de aventura também são feitos sob medida. Nick Williams, bonito, machão, mas com um coração de ouro, parece ter saído diretamente de um anúncio de cigarro Camel, o homem que toda heroína se deseja conhecer. Seu amigo Troy Jefferson é um atleta olímpico e fundador, com a copa e o título, que além de mergulhador e briga muito de boxe o turismo é um gênio da eletrônica que está sendo para desenvolver um fantástico vídeo-game de aventura.



Future Contest.

O "Illustrators" tem a mesma finalidade "e outras, de
to é, divide-se em quatro etapas, sendo prêmio de
US\$ 500 aos três melhores ilustradores. Assim, 10 em
servem ao período anual que vencerem em maio US\$ 1000
e vencedor. Cada um desses ganhadores já tem partici-
pação garantida no antológico, sendo a tarefa de ilus-
trar na conta determinada pelo comité jurado.

Esta concurso também é aberto à participação inter-
nacional, recebe do trabalho de qualquer parte do mu-
ndo, desde que obedea à temática SF ou Fantasia.

Os três ganhadores da última eliminatória foram: De-
roy Dupont, Kevin Taylor e Kevin Wiggins. Os demais
concorrentes ao prêmio anual são: Tony Rush, Kelly Ma-
lonegger, Jeff Pannel, Derek Negota, Allison Verba
g, Daniel S. Swan, Timothy Standish e Timothy Tinker.

As longos dos anos, este concurso tem obtido com objetivos de inspi-
radores, revelar e ajudar profissionalmente junto à editoras, novos talen-
tos que surgem a cada ano.

O regulamento para o concurso de 1990 pode ser obtido enviando um cheque
loco subscrito e um IRS (International Response Coupon) para os seguintes
endereços:



Depois do antológico
de ano de 1990.

**L. Ron Hubbard's Writers of The Future® and
Illustrators of The Future® Contests**

DEADLINES

are the same for both contests:

-
- January 1 - March 31
- April 1 - June 30
- July 1 - Sept. 30

(Contest Year Ends Midnight, September 30)

•
Don't Delay! Tell Your Friends!
The Contest Addresses are:

**L. Ron Hubbard's
Writers of The Future Contest**

P.O. Box 1630
Los Angeles, California 90078

•
**L. Ron Hubbard's
Illustrators of The Future Contest**

P.O. Box 3190
Los Angeles, California 90078

•
Enter, or send a stamped, self-addressed
envelope for the rules.

WORLDWIDE - INTERNATIONAL DI DIPIA 2

no âmbito do grupo de SF, que a ligação
do livro chegou até eles também! Assim,
em maio de 1989, o grupo realizou
o seu primeiro encontro anual no
festival de SF, por MARCELLO BRANCO

WORLDWIDE - INTERNATIONAL DI DIPIA 2

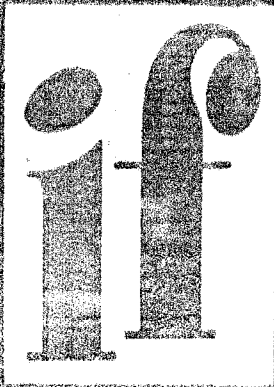
desta vez a organização foi feita sob
a coordenação de editores, de trabalho,
publicar em SF, e de trabalho
dos e nos anos que a publicação sempre
recebeu. O primeiro encontro realizou-se
em 1989 na propriedade dos autores e em
opiniões por eles expressas até mesmo
sem necessariamente a de editores.

Agendamos a quem, desde as primeiras
tentativas, colaboraram com o grupo.

Está de se estruturar para o próximo mi-
nimo: 20 de maio.

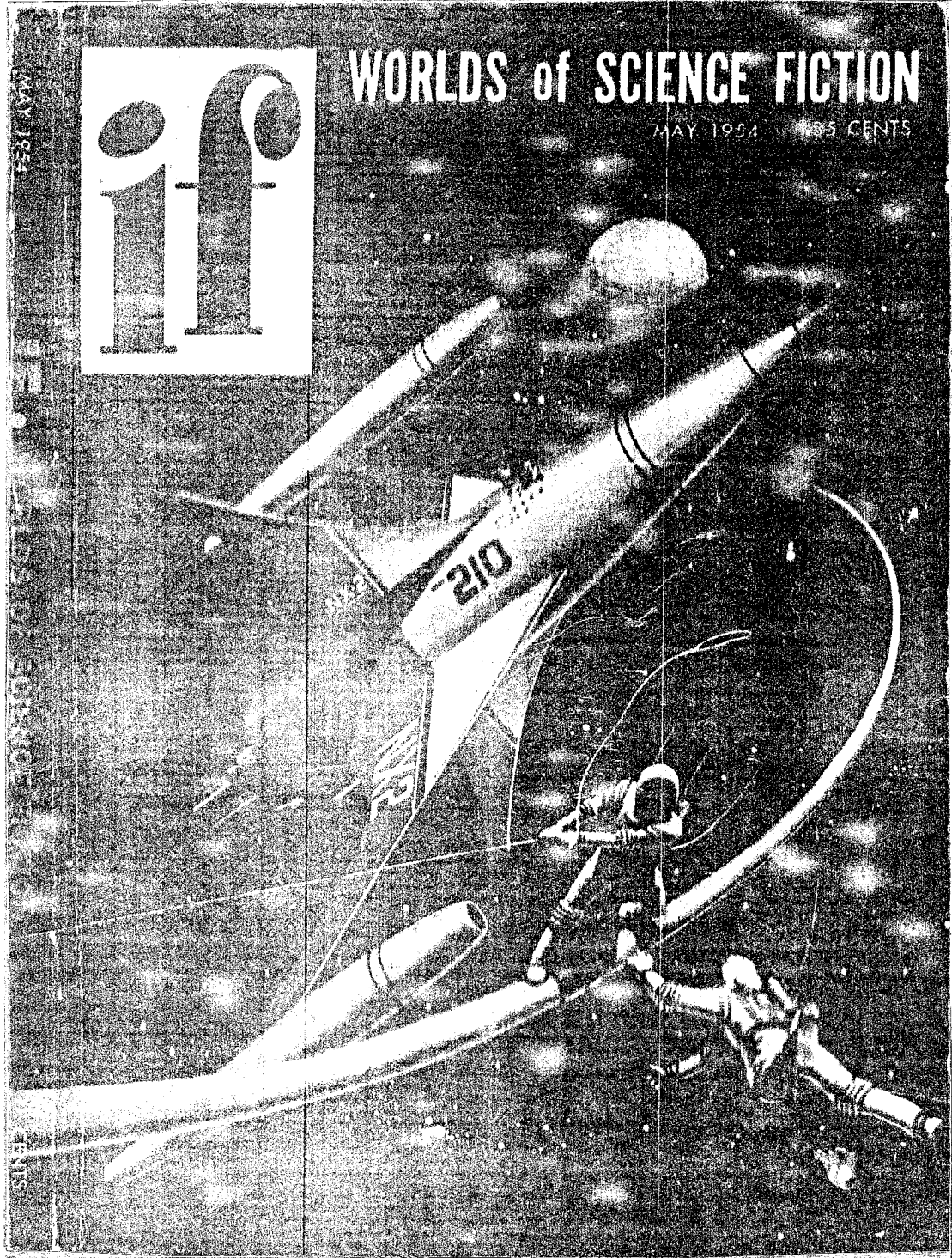
WORLDWIDE - INTERNATIONAL DI DIPIA 2

(1) - Os autores 3 vencedores de
eliminatória foram James Gardner,
com o conto "The Children of Smoke",
Jeff W. Pannel, com "Haven" e Tony
Kelly com "A Branch In The
Time".



WORLDS of SCIENCE FICTION

MAY 1954 35 CENTS

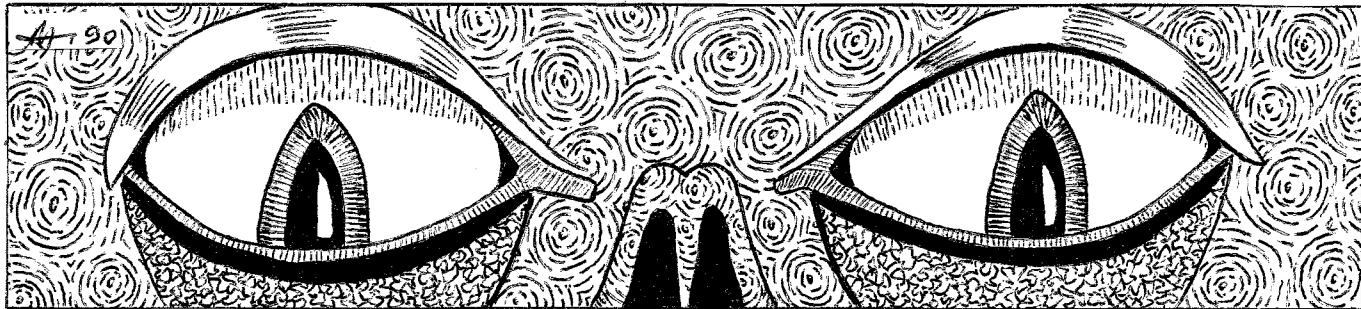


IF - NUMBER 52, Royal Airports on 73, realistic future wars of 1952
 2. Science of 71. Science and the future of warfare. In space, experi-
 ments in space of 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

O MONSTRO DE LAMA

Por Mark Lucke

Mark Lucke é um fã norte americano de Ventura, na Califórnia. Ele nos contatou e enviou para publicação em MEGALON, sua história intitulada "Mud Monster" (Monstro de Lama), para que os fãs brasileiros possam conhecer seu trabalho. Traduzido por Renato Rosatti.



Pequenas esferas de luz dançavam na escuridão, entre as árvores, acima das moitas, enquanto os homens que as carregavam tentavam fazer seus caminhos através da floresta negra.

Eles estavam correndo através dos obstáculos próprios da natureza à noite, carregando lanternas numa mão e armas variadas na outra. Era ruim o suficiente somente tentando se manter através do terreno, não se incomodando em archar a hora certa para dar os tiros e ainda que alguém fizesse isso, o faria apenas acertando árvores ou o disparo se perderia para dentro da escuridão da floresta.

Era difícil manter as luzes na criatura que fugia a umas 30 jardas (28 metros) à frente do grupo de homens, devido às cores marron e preta de sua pele. Às vezes, desapercebida, ela parava perto de uma árvore tentando retomar seu fôlego, até que os tiros a expulsassem embora.

Ele pulou um amaranhado de arbustos para dentro de um pequeno campo aberto de grama. A luz brilhava radiante na criatura, iluminando-a para o mundo vê-la. Furiosamente, ela procurou no campo um lugar para fugir. À sua direita, a aproximadamente 60 jardas (55 metros) distante, as árvores começavam novamente cobrindo-se para dentro da floresta. Uma luz refle-

tiu em sua face, o sangue cobrindo sua boca reluzida. Ela se virou na direção dos homens no mesmo instante em que ouviu o tiro, alguns segundos depois ela sentiu a bala dilacerar seu tórax.

Outro disparo e o joelho da criatura estourou numa horrível explosão de sangue, músculos e fragmentos de ossos. Ela caiu de costas no gramado úmido. O líquido espirrando de seu peito parecia estranhamente quente ao contrário de sua carcaça gelada, e a sensação trêmulando em seu tórax e joelho era desconhecida de maneira que ela não gritava de dor. A única coisa que ela conhecia era a fome. Ela a havia levado consigo em sua mão desde que os homens descobriram-na sobre a vítima. A criatura levava sua mão até a boca e mordia a carne, que estava mais fria agora, não tão quente quanto estava quando ela testou pela primeira vez, contudo era alimento e então ela comia.

Os homens vagarosamente avançaram para a criatura mantendo-a iluminada por suas lanternas. Um deles agachou-se de joelhos:

— Oh, caro Deus! Ela ainda está comendo o braço do meu garoto! Ela ainda está comendo o meu garoto! — ele gritava enquanto a situação começava a atingir a sua própria realidade.

Um homem com uma barba negra deu um passo próximo à criatura, a qual estava comendo outro tanto do bra-

ço mutilado enquanto ainda podia, antes de sua morte que estaria por acontecer. Ele apontou o cano de seu rifle para a testa da criatura e disparou. Seu crânio despedaçou-se no gramado. O outro homem aproximou-se da carcaça e cada um deles disparou um tiro no corpo da criatura.

O sangue escorreu das feridas por longo tempo após a morte ter parado seu coração, e o chão embaixo do corpo tornou-se encharcado por uma mancha manchada de vermelho por alguma coisa desconhecida.

Três homens ficaram com o corpo enquanto os outros foram pegar seus caminhões. Passou uma hora vagarosamente e então o homem barbudo caminhou para dentro da clareira segurando dois ganchos de carne em ganchados em cada mão.

— Os caminhões estão a uns cem pés (30 metros) distantes. Nós podemos carregar esta coisa até eles agora.

Os quatro homens convergiram para o corpo morto. O homem barbudo deu para cada um deles um gancho de carne, então cravou com força o seu próprio no tórax do monstro. Um por um, os outros fizeram o mesmo. Os homens ficaram prontos e então o barbudo contou:

— Um, dois, três, agora levantem!

Os quatro homens ergueram a carcaça do chão e iniciaram a viagem para os caminhões.

— O que faremos com esta coisa, Tom? - o homem mais jovem perguntou.

— Nós a queimaremos no depósito de lixo do Cassler. Ninguém saberá. - o homem barbudo respondeu.

A escuridão escondia-os enquanto se deslocavam para dentro das profundezas da floresta, até que finalmente eles desapareceram.

Enquanto os dias passavam, o gramado onde o sangue da criatura havia sido derramado morreu, e o chão tornou-se negro e úmido. No meio de um campo de gramado viçoso, a morte do terreno permaneceu numa lama fina e o chão foi incapaz de se livrar do líquido.

Lawrence Coben empurrou a porta para o pequeno quarto que seria seu durante a semana. Uma beliche, um armário com quatro gavetas e um assento com lâmpada, os quais aper-

tavam o já pequeno espaço que era o quarto, porém ainda assim era confortável para Lawrence. Ele arrastou sua mala de viagem para cima e com um balanço colocou-a sobre a mesma.

— Eu trouxe isto do carro.

Lawrence virou-se para seu pai que estava se encostando na porta e segurando um F-14 de plástico em sua mão.

O garoto estendeu suas mãos ao mesmo tempo em que seu pai atirava o avião para ele.

— Obrigado, pai! - ele disse, pegando o avião. Eu irei brincar no bosque um pouco. - prosseguiu, caminhando para o corredor com seu pai.

— Ok, mas você sabe que sua mãe terá o jantar pronto por volta das seis, portanto mantenha os olhos no relógio. - seu pai saiu batendo de leve no relógio no pulso de Lawrence.

— Certo pai, às seis horas. - respondeu, sua voz parecendo a de um piloto em seu jato de plástico.

Lawrence partiu rumo à sala de estar mas parou e virou-se quando seu pai disse:

— Ei, você está sabendo? Talvez nós devêssemos começar nossa dieta essa semana.

Pai e filho olharam para suas barrigas rechonchudas e em seguida se afastaram um do outro.

— Ah! - Lawrence replicou em tom de desagrado.

— Você está certo, talvez no próximo mês. - seu pai disse virando-se e caminhando em seguida para o corredor rumo ao banheiro. Lawrence sorriu, depois segurando seu jato no ar soltou-o para fora da casa, com ordens para manter o bosque limpo de jatos inimigos. Ele correu várias jardas em direção à floresta e então parou cansado. Respirou pesado por alguns momentos até que sua respiração voltasse ao normal, então ele reiniciou a caminhada.

— Garoto, está absolutamente quieto aqui. - Lawrence disse a si mesmo.

Rapidamente ele olhou em seu relógio, eram três e meia.

— Estou faminto e curioso para saber o que temos para o jantar. - ele disse parando próximo a uma árvore pequena quebrada e sentando-se.

— Eu espero que seja torta de carne. - completou.

Já de pé, como um elefante disposto a atacar, ele elevou o F-14 acima de sua cabeça. O famoso piloto combatente Lawrence radiografou pelas instruções.

— Nós temos atravessado o território inimigo, posição das bases inimigas.

— Exploda eles, Capitão Lawrence, isto poderia significar outra medalha.

— Eu lhe disse, General. Agora eles já eram.

Lawrence produziu um som gritante com sua voz e moveu-se bruscamente para o campo de grama.

— Oh, não! — Lawrence fez o jato entrelaçar no ar. — Nós fomos atingidos pela artilharia da base. Nós estamos caindo!

No momento em que a frase saiu de sua boca, seus pés escorregaram e tal como seu jato condenado, ele começou a aterrisar primeiro de barriga na lama. Não conseguiu evitar e seu rosto esparramou-se numa gosma pegajosa e negra. Ele deitou nesse lugar olhando fixamente para seu jato e somente as asas e cauda do mesmo estavam acima da lama negra.

Lawrence levantou-se sobre seus joelhos.

— Ah, droga! Lama estúpida!

Ele ia ver a hora mas seu pulso estava coberto pela lama negra. Levantando-se, ele tentou limpar-se nas moitas porém não estava tendo sorte com suas mãos já cobertas, por tanto ele desistiu e caminhou para o gramado. Foi em direção a seu jato despedaçado.

— Socorro! Socorro! Tirem-me daqui! — o Capitão Lawrence disse curvando-se e recuperando seu avião. Ele virou-se e foi rumo à casa de sua tia Sally.

— Eu espero que tenhamos torta de carne, uhm. Eu mesmo comerei metade. — pensou um momento. — E meu pai comerá a outra.

Lawrence abriu a porta da frente e encolheu-se para entrar. Ninguém na sala de estar. Ele fechou a porta e caminhou. Agora ele podia ouvir sua mãe e tia Sally na cozinha. Ele sorriu:

— Tudo bem, elas estão cozinhando. — pensou.

Ele começou a andar pelo carpete, depois reconsiderou os possíveis resultados de tal procedimento e portanto em vez disso, ele sentou no piso de cerâmica em frente da porta

e tirou seu tênis, o qual revelava a lama que tinha sido penetrada através das solas. Ele tirou sua calça jeans e por último sua camisa amarela.

— Mãe, o que temos para o jantar? — perguntou caminhando para a cozinha. Ela e sua tia Sally estavam de costas para ele.

— Torta de carne, querido.

Lawrence deu um grande sorriso.

— Você deveria se limpar melhor. O jantar estará pronto em aproximadamente quarenta minutos. — sua mãe prosseguiu, não tirando a atenção para o que estava cozinhando.

Sorrindo, Lawrence virou-se e deixou a cozinha. Sally virou-se também e disse:

— Eu espero que você esteja com fome, Lawrence. — surpresa por vê-lo já indo embora.

— Oh, eu estou, tia Sally. — ele respondeu do corredor.

Lawrence ouviu a TV no quarto de seus pais e falou alto:

— Nós teremos torta de carne, pai!

— Fantástico! Eu comerei metade e você pode comer a outra. — seu pai disse acima do volume da TV.

O garoto ligou a luz e entrou no banheiro. De pé diante do espelho, Capitão Lawrence examinava seus prejuízos pessoais devido à batalha.

— Somente umas poucas machucaduras, General. — ele disse para a sua imagem refletida. — É um pouco de lama. — acrescentou mantendo suas mãos levantadas à sua frente.

O General deu a avaliação sob seu ponto de vista:

— Você sabe, Capitão Lawrence, isso coloca sua sexagésima sexta medalha em jogo.

Passando sua atenção para a pia, ele deu umas poucas voltas nas manhetas de quente e frio e então colocou suas mãos embaixo da água. A lama endurecida desprendeu-se e foi levada pela água. Lawrence esfregou suas mãos em conjunto, mas não conseguia tirar a mancha cinza delas. Caminhou para trás e abriu a porta do armário, curvando-se para baixo e apanhando a barra de sabão de Lava.

— Isto fará o serviço. — Lawrence disse fechando a porta e retornando suas mãos para debaixo d'água.

Com o sabão em sua mão esquerda lavou o braço e mão direitos. Pouco

a pouco, a lama e mancha sumiram. Ele começou a esfregar o sabão em seu cotovelo, quando parou e estre meceu de dor. Virando o seu braço ao contrário ele podia ver seu cotovelo e então verificou que havia arranhado a cicatriz no mesmo. Um vermelhidão infiltrou-se na ferida reaberta e misturou-se com a espuma do sabão e a lama negra, sendo que esta última mudou-se no instante que o sangue tocou-a. Ela tornou-se vermelha e úmida. Lawrence moveu seu braço por sobre a pia e através de sua extensão a mancha cinzenta e um pouco de sobras de torrão de lama tornaram-se vermelhos e tomaram todo o braço, até o mesmo estar coberto por um líquido vermelho cuja cor se equiparava ao do próprio sangue. Ele molhou seu braço com a água corrente e lavou o líquido vermelho. Enquanto as gotas do mesmo molhavam seu outro braço, o processo começava novamente, até que finalmente ele limpou toda a agora lama vermelha.

Lawrence verificou suas mãos e braços, eles estavam limpos. Fechou a água, apanhou uma toalha, enxugou-se e foi até a entrada de seu quarto, em cima de sua cama. Abriu a mala de viagem e pegou uma calça jeans limpa. Vestiu-se e depois arrancou uma camisa branca. Enquanto colocava a manga em seu braço ele reparou a cicatriz negra em seu cotovelo onde o corte havia sido reaberto. Ele empurrou a camisa em sua cabeça e depois, posicionou-a até seu estômago, então sentou-se na cama e observou seu cotovelo.

A ferida negra estava um pouco maior que antes e a pele exatamente próxima à ferida estava vermelha. Lawrence tapou-a com seu dedo indicador. Não era dura como as outras feridas. Era macia como sua pele.

— Ei, deixe essa coisa em paz!

Lawrence viu seu pai de pé na entrada da porta.

— Ok, eu só estava verificando.

— Para quê? Buracos? Vamos inspecionar a situação da comida. - seu pai disse sorrindo.

Lawrence juntou-se a ele e ambos caminharam pelo corredor até a cozinha.

Ele e seu pai comeram os últimos dois pedaços da torta de carne, depois sentaram-se na sala esfregando seus estômagos.

— Estava excelente, vocês duas também. - o pai de Lawrence disse enquanto as duas mulheres juntavam os pratos e utensílios. Virou-se para Lawrence:

— O que vocês estão tentando fazer? Engordar-nos?

O garoto riu.

— Obrigado, mãe. Obrigado, tia Sally. - disse ele levantando-se do sofá.

— Lawrence, coloque aquelas roupas cheias de lama no cesto de roupas sujas. - sua mãe disse enquanto Lawrence saía da cozinha para a sala de estar.

— Ok, mãe. - respondeu andando e apanhando as roupas.

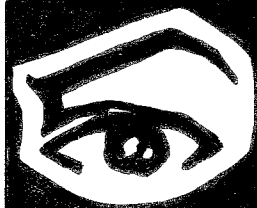
— Nossa! O que aconteceu? - o pai de Lawrence perguntou.

— Eu caí numa poça de lama. - o garoto respondeu.

Seu pai observou-o passando e carregando as roupas.

— Bem, garotos de quinze anos de idade fazem isso mesmo. - disse pegando o controle remoto e ligando a TV.

Lawrence andou pelo corredor escuro que leva a seu quarto, colocou as roupas em seu braço direito, depois bateu a parede até que sentiu o interruptor de luz. Ligou-o e as luzes apareceram. Andou em direção ao armário, abriu a porta corrediça e jogou as roupas no cesto de lavanderia. Imediatamente ele estremeceu e agarrou seu braço direito, o qual começava a latejar. Lawrence respirava com dificuldade quando olhou para seu cotovelo. A ferida negra cobriu-o inteiro e começou bruscamente a consumir a parte de trás de seu braço. Ante seus olhos, a pele em torno da ferida passou de branca para vermelha, depois azul e por último para preta como a ferida. Em poucos minutos Lawrence entrou em choque, seu braço inteiro estava coberto por uma pele negra e estava agora abaixo da manga de sua camisa. Seu estômago queimava como se estivesse cheio de metal derretido, e a pulsação estava agora em seu pescoço e braço esquerdo. Ele tentou se mover, virar sua cabeça, mas não pôde. O quarto e luzes tornaram-se indistintos e depois tudo tornou-se preto. Lawrence tombou-se no carpete marron. As veias sobressaíam em seu pescoço enquanto sua pele pálida tornava-se preta e gela-



da. Como se uma segadeira invisível estivesse vibrando em sua cabeça, seu cabelo soltou-se do crânio. A pele negra correu rapidamente sua cabeça e rosto. Lawrence caiu em seu pai e em seu jato de plástico enquanto morria.

— Você sabe, Helen, duas crianças dessa região estão desaparecidas por uma semana agora. — Sally disse para sua irmã enquanto sentava à mesa.

— É mesmo? Você se conhecia? — Helen perguntou preocupada, olhando para os olhos de sua irmã.

— Não! Eles moram no outro lado da floresta. Dois garotos. Um tem quatorze anos e acho que o outro tem nove. — Sally respondeu, depois tomou um gole de seu café. — A polícia não sabe de nada também. — a crescentou.

— Meu Deus! É melhor que Lawrence fique apenas em volta da casa, então. — Helen disse. — Quem imagina? É tão quieto por aqui.

— Bem, não tem sido recentemente. Semana passada, havia um grupo de caçadores no bosque levando um cachorro com raiva. Eu pude ouvir os tiros de rifle vindos da floresta. — Sally disse nervosa. Ela tomou um gole de seu café, depois continuou: — De qualquer maneira, eu

chamei a polícia logo que ouvi os tiros e eles me disseram que enviariam um carro imediatamente. — Sally sorriu desoladamente — quarenta minutos depois um oficial bateu em minha porta e me disse o que havia acontecido.

Helen balançou sua cabeça.

— Aquelas pobres garotinhas! Não há segurança em lugar algum, não é?

A pele negra na testa de Lawrence inchou. Com uma ruptura amortecida, o crânio separou-se, mudou-se e depois remodelou-se até a face não se assemelhar em nada às feições de Lawrence. As pálpebras negras da criatura palpitavam e depois abriram arregaladas em pânico. Ela começou a estrangular o sangue e com uma violenta convulsão, a língua de Lawrence soltou-se. A criatura estremeceu no chão respirando pesadamente, depois vergarosamente abateu-se a si mesmo no piso. Ficando em pé, ela esticou seus novos músculos e ossos, tentando conseguir livrar-se da dor. A criatura ficou com uma altura de seis pés e quatro polegadas (1,93 metros) enquanto Lawrence tinha somente cinco pés (1,52 m).

Tudo o que uma vez foi ou esteve no garoto foi consumido, inclusive a comida ingerida no jantar. Isso freou o sangue da criatura, que somente precisava de alimentação para iniciar seu auto-controle e reposição de forças. Ela usou todas as matérias do estômago de Lawrence e agora estava desejando ardentemente sua própria comida, nada totalmente tão complexo quanto o que Lawrence gostava. Ache uma vítima, mate-a e depois coma-a. Como isso era simples para a criatura. Ela lentamente caminhou até a porta.

— Lawrence, você está bem? Eu ouvi você tossindo. — o pai de Lawrence perguntou, caminhando até o quarto.

Ele viu a mão negra apenas um instante antes dela bater no lado de sua cabeça, que estourou sobre seu ombro direito. Depois caiu no chão e o mundo tornou-se escuro para o pai de Lawrence.

— O que vocês dois estão fazendo aí atrás? — Helen perguntou da cozinha.

A criatura ajoelhou-se ao lado do homem caído, seus olhos amare-

los abrindo completamente enquanto cheirava o aroma da carne. Um golpe violento com sua mão direita armada de unhas e garras dilacerou sua camisa azul desenhada expondo seu gordo abdômen. Se ela pudesse, a criatura teria sorrido. Ao contrário, ela cerrou os dentes e abaixou a cabeça para comer.

Sally caminhou para trás da mesa onde sua irmã Helen estava sentada, carregando uma caixa de sapatos que havia pego no armário da pia.

— Com aqueles garotinhos desesperecendo e cães andando por aí com hidrofobia, eu decidi que não ficaria aqui desprotegida - ela sentou em sua cadeira e abriu a caixa - . Portanto, eu consegui isto. - ela tirou um pequeno revólver.

— Meu Deus! Não é o caso para dramatizar assim, Sally! - Helen disse, chocada por causa da arma.

Sally segurou a pistola em sua mão direita.

— Não, eu não acho. - ela olhou nos olhos de sua irmã. - Eu vivi vinte e três anos com a proteção de Frank, mas desde que ele se foi há cinco anos atrás, eu nunca mais tenho me sentido segura. Meu Deus, Helen. A polícia levou quarenta minutos para responder meu chamado! - Ela colocou o revólver na mesa e apanhou sua xícara de café - Eu tenho vivido neste mundo há quarenta e oito anos e não terei ninguém tirando vantagem sobre mim porque tive medo de me armar. - ela concluiu sua opinião e tomou um gole de seu café. Helen tomou um gole de seu próprio.

O gosto de sangue enlouqueceu a criatura motivando-a a rasgar extremamente a barriga do homem morto. O dedo com garras da mão esquerda do monstro entalou entre as costelas inferiores. Com um puxão violento que levantou o cadáver do chão, sua mão se libertou e girou por todos os lados, acertando o abajur e arremessando-o contra a parede, despedaçando-se.

A criatura virou-se brevemente, viu a causa do barulho e depois se tornou a comer.

Helen empurrou sua cadeira para trás e levantou-se.

— Está parecendo que eles estão destruindo a casa. - ela disse caminhando da cozinha para o corredor.

dor. - O que vocês rapazes quebraram aí?

Não foi a voz que motivou o monstro a saltar sobre seus pés, mas a excelente sensibilidade de que uma vítima está próxima. Ela saltou da carcaça mutilada, indo da porta para o corredor. Nada, ela não podia ver nada.

Helen gritou o quanto seus pulmões aguentassem. O monstro girou em torno de si. Agora ele viu sua vítima. Assustada pelo grito, Sally deixou cair as xícaras quando estava levando-as para a pia. Elas se despedaçaram contra o chão de cerâmica. Virou-se então para a mesa e olhou para a pistola.

Instintivamente a criatura sabia que o som que o som que sua vítima estava fazendo era de medo. Ela levantou para trás sua mão direita.

Helen usou todo o seu peso para virar-se. Ela apenas havia começado a mover sua perna para correr quando o terrível golpe atingiu firme as suas costas. Enquanto a força deslocava-se sobre suas costas, ela sentia as cinco unhas afiadas dilaceraram além da blusa atingindo sua pele. Ela nem tinha parado de gritar de medo e agora também gritava de dor. O golpe jogou-a cambaleando pelo corredor. Caiu fortemente no chão acarpetado ao lado da entrada para a cozinha.

Sally gritou e correu para a mesa. Helen virou sua cabeça e olhou para sua irmã:

— Sally! Sally! Ajude-me! - gritou em desespero.

Que percepção! A criatura sentiu que havia ainda outra vítima próxima enquanto se movia atrás de Helen, que estava tentando arrastar-se até a cozinha.

Sally agarrou o cabo do revólver e virou-o para Helen. Ela levantou a pistola em sua frente com ambas as mãos, esperando pelo intruso aparecer no corredor. Ela não esperou muito até que a criatura apareceu atrás de Helen forçando-a contra o chão de cerâmica. Ela continuava a gritar.

A boca de Sally deixou-se abrir, muda. Ao recuar para trás, a pistola escorregou de suas mãos, mas conseguiu agarrá-la, depois levantou a mira para o meio do rosto negro do monstro. Ela gritou:

— Deixe minha irmã em paz, seu bastardo!

(continua na pg. 25)

A ÁRVORE

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Vieta do alto, a floresta amazônica fundia sua multiplicidade de espécies vegetais numa única massa homogênea. Um cobertor de continuidade verde, dividido em retalhos por tira de céu - azul cobalto - e nuvens refletidas nos grandes rios.

Numa área pouco visitada, um exemplar vegetal realizava a façanha de se destacar do tapete luxuriante. Não apenas pelo tamanho, mas principalmente por ser uma das formas de vida sobre a Terra dotada de inteligência.

Tal como as outras, não concebia ou não aceitava a existência de outras inteligências. Porém o seu isolamento era maior, uma vez que toda a sua espécie resumia-se naquele único corpo vegetal.

Uma árvore. Uma árvore enorme, com suas ramagens estendendo-se num diâmetro vasto, sustentadas pelo tronco largo e bojudo. Sua existência percorria milênios, eras que escondiam o segredo de sua peculiaridade. Um lapso despercebido ou uma tentativa da Natureza em efetuar um salto evolutivo inédito?

A inteligência da Árvore camuflava-se, literalmente, em suas folhas e raízes. As folhas, como uma galáxia de discos verdes pendentes, das rames, formavam um chapéu granulado, indistinto. E as raízes, alcançavam distâncias ainda maior que a copa, multiplicando suas ramificações numa progressão. Suas folhas e raízes eram órgãos táteis, extremamente sensíveis. Bilhões de dedos colhendo informações do universo para um ser cego, surdo e mudo. Sensores delicados, capazes de captar os dados mais sutis; podiam reconhecer o movimento de objetos através de deslocamento de ar, identificavam substâncias pairando no ar ou o peso exato de um corpo sobre o solo.

Um fluxo inconcebível de informações seguia para uma projeção localizada na confluência dos galhos mais profundos com o tronco. Um câ-

rebro vegetal, onde não corriam impulsos elétricos, mas sim uma seiva fluida, transportando substâncias químicas produzidas no interior da Árvore. Substâncias que causavam reações, reações determinando um sistema lógico-analítico de interpretação de dados.

A Árvore era um gigantesco computador pensante, registrando bilhões de dados incorporados por seus órgãos de entrada.

Inicialmente a Árvore era um ser estúpido. Colhia as informações que permaneciam indelévels em sua memória, mas sem saber o que fazer com elas. Mas o tempo passou. Os séculos correram e a evolução foi generosa com a Árvore.

Ela desenvolveu uma nova divisão cerebral cobrindo o primeiro órgão como uma casca. Nesse cérebro ampliado, canais capilares agitavam os elementos, conduzindo-os a filtros, bombas, injetores orgânicos. O resultado compunha uma memória cujo acervo podia ser requisitado para interpretação a qualquer instante. E os instantes da Árvore eram longos.

A Árvore não conhecia a impaciência ou a frustração.

A Árvore era capaz de realizar um número infinito de operações num instante finito no tempo.

Começou seu processo de raciocínio de maneira engatilhante, notando as variações do ambiente ao seu redor. A seguir registrou a ciclicidade de determinadas variações. Adicionou estas duas constantes as equações de interpretação de dados.

Descobriu que certas variações se sucediam formando um movimento, um acontecimento. As mudanças cíclicas podiam se suceder em outros ciclos e estes inseridos em outros ciclos, dentro de outros ciclos... Encontrou o princípio de ação e reação. Sua inteligência disparou abruptamente.

A Árvore sentia o tempo passar, marcado e compassado pelas varia-



ções dias e noites, estações, glaciações. A evolução de animais e plantas, com seus corpos se ajustando às exigências do meio ambiente. Alguns desaparecendo, outros surgindo de áreas externas às percepções da Árvore. Os processos de nascimentos e mortes; a luta pela sobrevivência. Via regras básicas, lógicas, por trás dos acontecimentos, mesmo em ocorrências ocasionais - acidentes como terremotos, erupções vulcânicas, tempestades.

A Árvore colheu suas informações durante a passagem das eras. Não tinha que se preocupar com a própria sobrevivência, garantida pelo sol e pela chuva. A Árvore podia pensar à vontade e suas indagações esperavam que o tempo trouxesse as respostas. Todas as perguntas caíam diante do tempo inexorável e da observação constante. Isso fazia da Árvore o maior repositório de informações sobre a Terra.

Mas faltava-lhe algo, indefinido mas suspeitado.

A Árvore, no entanto, era um ser paciente.

No devido tempo estranhos animais penetraram o campo de percepção da Árvore. Não se associavam aos padrões animais conhecidos por ela. Bípedes, mas não emplumados, mamíferos de pouco pêlo, diferentes dos pequenos que viviam trepados nas faixas mais altas da floresta, ainda que parecidos. Caminhavam sobre o solo e pareciam extraordinariamente despreparados para os perigos dessa zona. Seriam aberrações da selva, que sempre parecera tão lógica?

Traziam consigo coisas presas aos corpos ou seguras pelos membros superiores. Objetos que não faziam parte deles e que frequentemente eram usados para suprir suas deficiências.

Isso intrigou a Árvore, e tal era algo que acontecia raramente.

Os estranhos bípedes permaneceram por muito tempo ali. Como outros habitantes da floresta, pareciam sentirem-se atraídos pelo tamanho incomum da Árvore.

Cedo surgiram outros semelhantes, mas de aparência e comportamento deplamente estranhos. Revestiam-se com uma camada composta por um material até então desconhecido, capaz de fazer a umidade escorrer por sua superfície e de refletir

com intensidade os raios do sol. Tinham mais pêlo na extremidade superior do corpo e carregavam objetos capazes de provocar reações explosivas de diversos compostos químicos para atirar coisas contundentes por vários metros no ar.

Tais objetos eram usados para tirar o movimento dos semelhantes que não possuíam os mesmos recursos. A Árvore sabia que isso significava a morte. Alguns dos seres atacados não tinham o mesmo destino, tendo seus movimentos apenas limitados e sendo arrastados para longe da Árvore.

Os bípedes atacados insistiam em continuar próximos a ela, sendo rapidamente dizimados. Seus corpos abatidos serviam de pasto a diversos seres decompositores, que a Árvore jamais vira juntos em tão grande número.

Apenas um dos bípedes do grupo insistia em sobreviver, conseguindo escalar a grande altura da Árvore. Tinha um corpo pequeno, sugerindo tratar-se de um exemplar jovem.

Lá embaixo, sobre as raízes, os bípedes de estranhas carapaças uniram-se para acabar com o único remanescente. Lançaram mão de algo que a Árvore só vira como subproduto dos feixes de energia que saltavam das nuvens, antes de chuvas ou tempestades. Algo inédito vindo de animais. O fogo.

Chamas altas atingiram tronco e galhos. A Árvore teve que improvisar uma desconhecida capacidade de controle sobre seu corpo vegetal para minimizar os efeitos do incêndio.

Os bípedes encorajados foram embora sem certeza de sucesso. Mínimo tempo decorreu-se antes que o corpo inerte do jovem despencasse dos galhos mais altos até o chão.

A Árvore, pela primeira vez em sua existência de milênios, deixou de agitar suas informações. Parou de pensar.

Seu pensamento retornou à atividade quando os decompositores transformaram em pó o corpo do jovem bípede. O pensamento voltou com força. A Árvore tinha que encontrar uma razão para o que observara e sentira.

Ela sentira medo. Notara que sua vida poderia ser cessada sem que ela soubesse porquê. Vira outros seres serem mortos com a mesma ausência de sentido e isso destroçava todas as certezas de seu universo or-

denado em causa e efeito. Mas se esse universo era um fato concreto, a nova informação deveria se inserir nele de algum modo.

Mas como? A Árvore perdeu a paciência.

Precisava saber. Repentinamente compreendeu que sua função era saber, muito além de existir. A morte a impediria de cumprir sua missão. A barreira da morte fora rompida e apenas o que estava atrás dela poderia reestabelecer o reinado da razão sobre a natureza.

Deveria haver algo ou alguém, uma personalidade como a que a Árvore sentira pela primeira vez em si mesma naquele instante, que tivesse a visão dos dois estados - vida e morte - tanto quanto a Árvore poderia reconhecer amplamente a ordem das coisas em sua esfera de percepção.

O pensamento da Árvore fluiu dela e deixou os limites dessa esfera. Correu a superfície e o âmago da Terra, como as ondas formadas por uma pedra atirada a um lago, fugindo, fugindo em círculos concêntricos que varreram a face da Terra, cruzando-se num caminho só de ida para encontrarem-se em sua própria fonte. A rebencação das ondas de pensamento atingiu as praias de sua mente, resultando num sentimento novo e intenso: júbilo.

A Árvore descobrira DEUS.

Algum tempo se passou durante essa descoberta. Séculos.

Os seres bípedes voltaram, mas não notaram que a Árvore era um ser completo agora. Trouxeram com eles novos tipos de instrumentos, variedades e complexos. Puseram-se a desbastar a floresta.

Uma hidroelétrica seria construída próxima e a floresta submersa iria atrapalhar seu funcionamento, com um excesso de material orgânico flutuante.

Todas as árvores foram derrubadas e todas seriam aproveitadas. Algumas iriam fornecer trabalho de classificação aos cientistas e outras, usadas como matéria-prima vegetal.

A Árvore enorme, foi abatida com uma carga explosiva que esfacelou seu tronco.

Ela não foi aproveitada.

Depois apertou o gatilho. A alavanca estalou contra a câmara variável da arma.

Sally olhou para baixo em Helen, a qual fitou-a em pânico. Sally virou-se próxima à mesa. As balas ainda estavam na caixa de sapatos. A dor somente fez ela pensar que tivesse sido atingida na cabeça por um porrete de madeira. Ela já estava morta quando caiu no chão. Helen gritou de horror, dor e sofrimento.

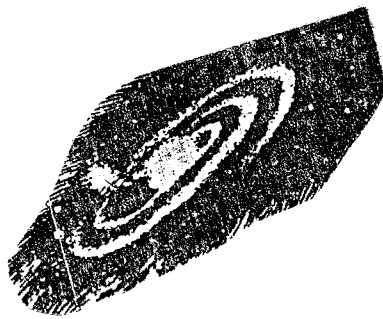
A porta abriu-se. Tom Johnston caminhou na varanda cogando sua barba negra.

— Jesus, Tom! Eu ouvi há pouco na faixa de ondas de rádio da polícia que eles acharam três corpos estragalhados como o do garoto do Cherley Freedman. Disseram que pegaram a trilha que seguem na Floresta Lackeau. — o homem mais jovem disse, nervoso e preocupado.

Tom olhou para ele e disse:

— Ok! Eu irei me vestir, chame os outros! Creio que hajam mais de uma!





PROJETO S.E.T.I.

No dia 12 de outubro de 1992, enquanto a América estiver comemorando os 500 anos da viagem de Colombo, radiotelescópios do mundo inteiro voltarão suas antenas para o céu iniciando uma busca sistemática por sinais de seres inteligentes extraterrestres. Será a fase operacional do projeto SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence), patrocinado pela Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos, a conhecida NASA. Para os astrônomos envolvidos, a busca por civilizações extraterrestres é uma busca pelo nosso próprio futuro. Eles querem saber se civilizações como a nossa podem existir por longos períodos de tempo, ou se inevitavelmente se auto-destróem.

Jill Tarter, astrônoma da NASA, explica que o projeto SETI não é novo, ele começou em 1960, quando o jovem astrônomo Frank Drake apontou a antena parabólica do radiotelescópio de Green Bank, na Virgínia, para a estrela Tau Ceti e tentou captar sinais de rádio. De lá para cá houve 50 buscas semelhantes, algumas tentando detectar sinais de rádio e televisão vindos de outros mundos, outras buscando observar radiação infravermelha, escapando de conchas artificiais em torno de estrelas distantes. Que todas essas tentativas tenham sido infrutíferas não surpreende Jill Tarter. Os astrônomos da década de 60 e também 70, ela explica, não tinham o equipamento sofisticado agora disponível. "Os astrônomos do passado achavam que podiam adivinhar a frequência mágica que os ETs estariam transmitindo. A NASA prefere fazer uma busca sistemática de todas as frequências possíveis", diz Jill Tarter. Como são milhões de frequências de rádio, a busca só é possível com os modernos computadores e circuitos de alta-velocidade. A eletrônica dos anos 80 permitiu que a NASA construísse uma máquina fantástica, chamada Analisador Espectral Multi-Canal. Cópias desse equipamento serão instalados nos maiores radiotelescópios do mundo, para começar em 1992 a grande exploração do céu.

O Analisador Multi-Canal vai observar todas as frequências de rádio, desde um até dez gigahertz e detectar, automaticamente, qualquer sinal artificial, separando-o do ruído de rádio produzido pelas estrelas. Um protótipo do aparelho está sendo testado atualmente no Observatório de Arecibo, em Porto Rico, o maior do mundo. Ligado à antena parabólica de 300 metros de diâmetro, que ocupa todo um vale entre montanhas, o Analisador Multi-Canal tem funcionado bem nos testes e conseguiu identificar os sinais artificiais, emitidos pela sonda espacial Pioneer 10, que está além da órbita do planeta Netuno. Na tela do Analisador, o sinal da Pioneer apareceu como um traço branco, destacando-se dos pontos individuais, produzidos pelo ruído natural de rádio. As transmissões de uma civilização inteligente apareceriam de modo semelhante.

O programa da NASA terá duas fases. Na primeira delas, chamada Verradura de Alvos Específicos, as antenas apontarão para cerca de 800 estrelas semelhantes ao Sol. Estrelas que tem maior chance de possuir planetas e vida inteligente. Outra fase será a Pesquisa do Céu, quando as antenas explorarão todo o céu, do hemisfério norte ao hemisfério sul, cobrindo uma área maior com equipamentos menos sensíveis.

O início da busca, em 1992, será usado como uma oportunidade para despertar o interesse pela ciência nas crianças americanas. Jill Tarter pla-

A Espinha Dorsal da Memória, Bráulio Tavares, Caminho Ficção Científica Nº 97, Caminho Editorial, Lisboa, Portugal, 1989, 165 pags. Capa de Henrique Cayatte.

Ficção científica oferece espaço para tudo. Das narrativas mais convencionais aos trabalhos experimentais e de vanguarda. Julgar qual dos dois extremos é o melhor não vale à pena — julgue como cada lado é útil para enriquecer a proposta básica da obra. Você pode encantar-se com a movimentação inovadora e com os simbolismos de uma coreografia experimental, pode admirar a execução perfeita dos movimentos elegantes de um balé clássico, ou pode deslumbrar-se com a criatividade de um Gene Kelly, Donald O'Connor ou Fred Astaire. Em literatura dá-se o mesmo, tudo vem enriquecer um espectro de possibilidades múltiplas e a ficção científica, em especial, fornece campo inesgotável para a aplicação de cada recurso, estilo ou proposta literária.

Temos aqui o vencedor do Prêmio Caminho de Ficção Científica 1989, dedicado à FC em língua portuguesa. Em sua essência o livro conjuga as imagens próprias da FC com o esmero na linguagem próprio do mainstream literário, o qual eu me arrisco a definir como uma corrente onde é empregado um estilo complexo, evocativo; onde há ambiguidade e ironia, muitas vezes compondo uma atmosfera angustiada ou sarcástica; onde a maior preocupação é com a linguagem, com as metáforas, figuras e símbolos; onde se tenta exercícios "inovadores" e se procura uma dissociação da narrativa tradicional.

Temos muito disso tudo nesta coletânea de contos de Bráulio Tavares. A síntese de clima e precisão de imagens em "Malassombrado". O incrível exercício de recorrências, fluxo de imagens e nonsense em "Catálogo de Exposição". O estilo de novela de cavalaria em "História de Maldum, o Mensageiro". A precipitação da leitura através de parágrafo único em "Cão de Lata ao Rabo". Novamente parágrafo único e elegante simbolismo em "Mare Tenembra rum". E muito mais.

Algumas das histórias que se agrupam na primeira parte do livro possuem elementos de fantasia ou FC identificáveis, ou meramente apóiam-se em imagens comuns a esses gêneros, e ao horror também. Nem tudo fecha-se com perfeição, por vezes sobressaindo apenas o experimentalismo, outras vezes parecendo que, apesar de toda a flexibilidade da prosa de Tavares, os tons narrativos se repetem, mostrando que mesmo o mainstream literário, com todas as suas propostas de inovação, pode soar formuláico.

Louvo aqui este livro como um dos mais importantes para a ficção científica brasileira nos últimos 10 anos, apesar das falhas que eu e outros devem encontrar num livro de estréia. É mesmo que você compartilhe de minha antipatia pela idéia de se usar a literatura para despertar novas sensações em seu cérebro (isso cabe mais à psicologia experimental), conclamo-o a ler a segunda parte do livro, um conjunto de histórias que parte dum primeiro contato com alienígenas, os Intrusos, e onde a prosa fragmentada e multievocativa é recurso eficiente na tentativa de compor a ruptura que adveio com o contato. Ruptura cada vez mais acentuada, até o ponto da espinha dorsal da memória — a escada de continuidade da evolução humana, a lembrança do ontem, muito ligada à linguagem, segundo Tavares — estar quase partida, e o Homem ser quase tão alien quanto os Intrusos.

"Liquidité"(Uma Semana na Vida de Fernando Alonso Filho), Jorge Luiz Calife, Antarès 31, pag. 4, 1988. Ilustração de Eric Miller, tradução de Jean-Pierre Moumon e Martine Blond. Primeiro conto de Calife, 2º lugar no II Prêmio Fausto Cunha (o concurso promovido pelo CFC Antares) e previamente publicado na Antologia de Ficção Científica Antares (1986). Vênus passa por um processo de terraformização através de uma chuva contínua durando séculos. Fernando trabalha no interior das instalações no planeta enquanto sua esposa, Patrícia, tem um emprego ativo do lado de fora. Fernando gasta muito tempo ruminando seu tédio e angústia, ou pensando na astronauta Katerina, por quem se sente atraído. É preocupando-se com os crescentes abalos que sacodem as instalações. Mas até o fim da semana as coisas não serão mais as mesmas, ou talvez o serão, indefinidamente. Domínio pleno do estilo, caracterização científica, cenários e psicologia dos personagens. Surpreendente para um primeiro conto, o que me faz estranhar ainda mais os insípidos trabalhos de Calife que tenho visto ultimamente.

"Trajectoire de Fuite"(Trajetória de Fuga), Jorge Luiz Calife, Antarès 32, pag 54, 1988. Ilustração de Robert Borello, tradução de Jean-Pierre Moumon. Publicado anteriormente em Ele & Ela Nº 180 (1984). Isabela Dumont é uma atriz famosa, mas também uma cobaia voluntária envolvida no projeto Hidra, que permite a conexão da mente humana a artefatos diversos funcionando como extensões dos sentidos. Isabela embarca mentalmente numa nave interplanetária e, contrariando as previsões, assume o controle do veículo lançando-o em trajetória de fuga, enquanto sua

mente é bombardeada com impressões vivas do universo que a cerca. Idéia interessante, num conto muito rápido e mecânico em seu andamento. O ponto forte, como de hábito nos textos de Calife, é a extração de imagens líricas de artefatos e paisagens astronômico. Falta algo na transcendência da personagem, pois tudo pareceu, apesar da beleza das imagens, masturbatório. Esse aliás, é o problema do hedonismo como proposta literária: ele tende a contrapor-se àquele senso trágico ao qual a literatura tanto depende como arte maior.

"Pour L'Amour D'Une Comete"(Viagem ao Interior do Halley), Jorge Luiz Calife, Antarès 33 pag 56, 1989. Ilustração de Andrei Sokolov, tradução de Jean-Pierre Moumon.

Um dos melhores contos de Calife publicado em revistas masculinas de grande tiragem (Playboy Nº 125; 1985).

Uma equipe de astronautas composta de um casal de jovens é enviada por uma fundação filantrópica para o interior do cometa, a fim de desviar-lhe a rota com cargas explosivas, antes que ele seja capturado por uma fábrica volante e transformado em matéria-prima. No núcleo o astronauta presencia estranhos fenômenos, quando a matéria do cometa é soprada pelo vento solar. A ação segue, mas algo dá errado, e o pior acontece.

Além da usual polidez e fluência do estilo, aqui encontramos uma grande analogia: incapazes de nos erguermos até um fenômeno cósmico, nós o trazemos aos pés de nossa mesquinhez e o consumimos.

Alguns artefatos, nos três contos, como videopranchetas e casas flutuantes, os ligam ao universo criado por Calife em seus romances Padrões de Contato e Horizonte de Eventos (Nova Fronteira), sendo que neste último conto há uma participação especial de Luciana Villares, uma das personagens principais do primeiro romance.

Outra constância verificada aqui e presente em outros trabalhos de Jorge Luiz Calife é a inversão, — se é que podemos assim chamar — dos papéis comumente atribuídos a homens e mulheres. Em suas histórias, os homens é que aparentam serem sensíveis, e as mulheres são ativas, frias e distantes, quase vagas. Um aspecto interessante, mas que ainda não vimos conduzindo a uma investigação das diferenças homem-mulher ou para outras indagações estimulantes. Vamos aguardar exercícios futuros.

"La Dernière Chance"(A Última Chance), Roberto de Sousa Causo, Antarès 34, pag 96, 1989. Ilustração de Roberto de Sousa Causo, tradução de Jean-Pierre Moumon.

Conto vencedor da 1ª fase do III Prêmio Fausto Cunha e visto pela primeira vez nas páginas do Boletim Antarès de números 19 a 21. (1985).

Olmer Darum é um frustrado. Sua esperança de realizar algo importante na vida está em fazer um bom trabalho junto ao Instituto de Catalogação de Sistemas Solares. Ele tem sorte, encontrando num mundo desconhecido um naufrago do ICSS, o cientista Dr. Vaslov, que usará o Instituto para isolar-se e driblar a resistência ao seu projeto: construir um ser capaz de remodelar a matéria. Mas ele fracassara em seu intento, pois o ser não possui, ao seu ver, tal capacidade. Darum trava contato com a criatura, descobrindo capacidades insuspeitas. A última chance do título refere-se a possibilidade de Darum realizar algo positivo, despertando os poderes do ser, para modificar, inclusive, o comportamento autodestrutivo dos nativos do planeta.

Um conto atacando o complexo Frankenstein, com muitas idéias interessantes: um ser capaz de manipular energias poderosas com função fisiológica, o amor como ingrediente necessário para fazê-lo despertar, a complexidade orgânica exigindo um espírito superior que a pudesse comandar. Contudo tais idéias permanecem num nível pouco valorizado. O grande defeito, porém, é o personagem principal, descrito como um desajustado patético e estereotipado, de quem o autor toma partido evidente.

Aqui não há nem boa fluência (apesar da sonoridade do francês), nem bons diálogos (teríveis), mas a história conserva um clima idealista próprio da FC dos anos 30/40 e algumas boas idéias sobrevivem.

Este conto encerra o pacote de histórias escritas por autores brasileiros, publicadas na revista semi-profissional Antarès, dedicada à "Ficção Científica e Fantástico sem Fronteiras", que chegou às minhas mãos. O editor da revista é Jean-Pierre Moumon, o tradutor dos trabalhos.

Bem, afinal a ficção científica brasileira está chegando ao conhecimento de outras nações. Não creio que haveriam mais exemplos recentes dessa FC exportada, e a pequena amostra vista aqui demonstra que nossa FC, salvo uma ou outra exceção, nos nos está envergonhando lá fora, em países onde a tradição no gênero é maior e mais intensa.

Roberto de Sousa Causo manda avisar que ele ainda está recolhendo material para ser enviado à Antarès. Os interessados podem escrever para seu endereço: Cx. Postal 220, Sumaré - SP, CEP 13170.

Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Esta coluna de resenhas é publicada regularmente na conhecida revista *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, sendo assinada por um dos grandes nomes da atual FC norte-americana, Orson Scott Card, que permitiu sua tradução para um fanzine brasileiro. Com a sua publicação o *Megalon* espera informar os fãs quanto ao estado do gênero nos EUA — não esquecendo que alguns dos títulos abordados acabaram chegando ao Brasil — e transmitir as opiniões de um importante autor prestes a estrear aqui.

RESENHAS ESCRITAS EM JANEIRO DE 1988

- Kathryn Cramer e David G. Hartwell, eds. **CHRISTMAS GHOSTS** (Arbor House, encadernação em pano, agosto de 1987, 284 pp)

Quando eu li pela primeira vez *LITTLE MEN* de Louisa May Alcott, eu fiquei surpreso que os personagens do século XIX consideravam a narração de estórias de fantasmas como uma coisa natural a se fazer na véspera de Natal. Certamente isso não fazia parte das tradições de Natal de minha família.

E eu, por mim, sinto que o costume tenha se perdido. Porque estórias de fantasma, embora assustadoras, têm uma aura de mistério e pavor completamente ausente no horror do Halloween que as suplanta. A história de fantasma contém sempre a promessa de que, se você puder descobrir porque o fantasma aparece, seu propósito pode ser satisfeito, a assombração terminada.

Cramer e Hartwell fizeram um maravilhoso trabalho de ressurreição da velha tradição na sua antologia *CHRISTMAS GHOSTS*. Embora nunca houvesse uma exigência de que as histórias de fantasmas contadas no Natal tivessem que ser sobre o Natal, os editores ajudaram-nos a renovar a velha conexão ao selecionar somente histórias de fantasmas com um ambiente/cenário de Natal.

Mas não imagine que isso signifique que estes são todos Nataizinhos encantadores. Oh, a primeira história do livro é calculada para trazer lágrimas aos olhos de qualquer leitor não feito de pedra, mas as histórias alcançam do cômico (de Dickens "The Story of the Goblins Who Stolen a Sexton" e de John Kendrick Bangs "The Water Ghost of Harrowby Hall") ao arrepiante (de Ramsey Campbell "Calling Card" e de Elizabeth Walter "Christmas Night"). E é impossível definir o ensaio em fluxo-de-consciência de Dickens, "A Christmas Tree", exceto para dizer que é em si uma pequena antologia de histórias de fantasmas.

Tenha você mesmo um Natal do século XIX — compre este livro e leia uma história ou duas em voz alta na véspera de Natal. Se você tiver crianças que se impressionam, contudo, escolha cuidadosamente quais você lerá, ou eu lhe prometo que você não conseguirá que os garotos durmam até que o dia amanheça. — Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo.

- Michael Blumlein **THE MOVEMENT OF MOUNTAINS** (St. Martin, encadernação em pano, agosto de 1987, 289pp)

Eu conheci Michael Blumlein no Workshop de Escritores de Sycamore Hill e li duas histórias dele: "The Brain of Rats", da revista inglesa de FC *Interzone* (a história foi desde então indicada para o *World Fantasy Award*) e sua história do workshop. Ambas eram profundamente originais, mas de leitura difícil. Fria e áustera no tom, sua linguagem cortava como um bisturi para encontrar o ritmo quente do coração da história.

Então eu comecei a ler o primeiro livro de Blumlein, incerto se poderia apreciar ler a sua voz na extensão de um romance — e fiquei encantado. *THE MOVEMENT OF MOUNTAINS* é tão forte como sua ficção curta, mas em parte alguma perto do complexamente estruturado ou friamente escrito.

O narrador é um médico do futuro chamado Jules, um homem cuja vida está dominada pela sua gula; ele deixa uma Terra sombria e ameaçada por pragas para seguir sua amante, Jessica, ao único planeta onde mutacilina, um fungo anti-bactéria auto-adaptável, consegue crescer. Jessica está tentando sintetizar o agente ativo na mutacilina; Jules preocupa-se com os humanos que vivem ali — e com os Domers, os gigantes que na verdade fazem o trabalho de colher a mutacilina.

Os Domers suportam uma similaridade perturbadora para Jules. Eles são feitos de genes humanos alterados, fisicamente grandes para fazer o trabalho, imensamente gordos para agüentar o frio mordaz das cavernas de mutacilina. São clonados e crescidos, não nascidos, e seus corpos enfraquecem depois de cinco anos de implacável, assassinate trabalho duro. Há outras diferenças físicas, algumas delas planejadas, algumas delas simples falta de cuidado no design; todos eles explicados em dolorosos, clínicos detalhes.

O que gradualmente torna-se óbvio é que os Domers são também humanos, apesar dos melhores esforços do sistema em ensinar-lhes outro modo. Jules acha-se atraído a eles, fascinado por eles, até finalmente tornar-se um deles, em aspiração se não na forma.

Blumlein usa suas próprias experiências como médico praticante para tornar os detalhes médicos absolutamente convincentes. Os Domers em si mesmos são inesquecíveis. E Jules, enquanto escreve o livro na forma de longas cartas ao seu irmão, é de uma vez repulsivo e fascinante como ser humano.

Verdade, há problemas no livro. Para uma coisa, o sexo clinicamente gráfico, iniciando com a primeira cena no livro, é transferível e perturba-

dor. É também importante para a história. Você pode ficar ofendido — eu fiquei — mas isso é parte do sabor deste romance; você está destinado a devorá-lo compulsivamente, mesmo quando ele tiver um sabor obscuro. Os escorregões gramaticais são especialmente dolorosos quando cercados por tamanha prosa elegante. E Blumlein está no seu melhor pelo início, estabelecendo a situação, criando o ambiente e os personagens; no final, quando a ação toma conta, ele finalmente reduz sua história a um tolo desperdício de salve-o-mundo-atraves-da-irmandade-e-da-verdadeira-comunicação.

Não importa. Falhas e tudo, este é um maravilhoso primeiro romance, e Blumlein, enquanto eu duvidei de que ele será em breve um escritor popular, já é um importante, pois ele traz tal forte voz e implacavelmente verdadeira visão para o nosso campo. — Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo.

- Michael Bishop **THE SECRET ASCENSION** (TOR; encadernação em pano, outubro de 1987, 339 pp)

Após semanas de reflexão, eu ainda tenho duas opiniões sobre este livro, e então eu devo dar-lhe duas resenhas — ambas sinceras, ainda que enlouquecedoramente opostas.

Resenha 1: O próprio título de Bishop para este romance é *PHILIP K. DICK IS DEAD, ALAS*. Eu tenho pouca paciência com homenagens literárias, e o prólogo de quatro páginas foi uma tão má peça de tolo culto-ao-autor como eu jamais vi. Mas esse tom de idolatria desaparece no momento em que a história realmente começa, e eu recomendo que você simplesmente passe por cima da seção chamada "Prelúdio". Ela realmente não é parte do livro.

THE SECRET ASCENSION é fixado numa visão alternada dos anos 80, na qual não houve Watergate e Richard Milrose (não Milhous) Nixon manobrou para impor uma espécie de fascismo na América durante quatro mandatos no cargo.

A maior força de Bishop têm sido sempre a sua habilidade em criar personagens que são acreditáveis e acreditavelmente boas pessoas. Sua habilidade não o abandona aqui. Nós primeiro exploramos esta versão mais negra do nosso mundo através dos olhos de Cal e Lia Pickford. Cal é um antigo cowboy do Colorado agora trabalhando numa loja de animais em Atlanta. Ele tem dois segredos: um é a sua coleção de manuscritos samizdata dos romances de ficção científica proibidos do notável escritor mainstream Philip K. Dick; e o outro, o qual ele mantém longe até de si mesmo, é o terrível modo como morreram seus pais.

Lia, sua mulher, é uma terapeuta tentando estabelecer uma prática. Ela veio para Atlanta, desenraizando-os de uma vida decente e feliz no Colorado, para estar perto dos seus idosos e moribundos pais. Esta é a espécie de personagem com que Bishop sobressai: boas pessoas que estão dispostas a fazerem sacrifícios por outros, para tomar a responsabilidade por eles.

Tecido entre os personagens vivos está a maravilhosa versão de Bishop do próprio Philip K. Dick, morto mas ainda bem ocupado tentando salvar o mundo. Bishop faz de Dick o mais engraçado porém cativante anjo desde Clarence em *IT'S A WONDERFUL LIFE*.

Mais que em qualquer romance de Bishop que eu lera, *THE SECRET ASCENSION* sobressai como uma história. Há tensão e perigo do início ao fim. Talvez isto seja um produto da paranóia justificada que Bishop deliberadamente empresta de Dick; ou talvez seja porque este romance é mais viceral, menos cerebral que os primeiros trabalhos de Bishop. Qualquer que seja a fonte da mudança, ela marca, eu creio, um importante limiar no escrever de Michael Bishop. Ele tem, até aqui, sido um escritor de escritor, criando belas histórias que de algum modo nunca alcançaram o nível de intensidade para fazer leitores apaixonados passarem brochuras esfarrapadas de mão em mão. Desta vez, contudo, o clima é não apenas epifânia interior por um personagem; a audiência não tem que ler a história refletidamente. Na *THE SECRET ASCENSION*, o mundo muda modos maravilhosos e estranhos, e a audiência pode ler o livro passionalmente, com dedos suarentos, ávida para ver o que acontece depois, ainda que relutante em deixar o momento presente.

Imagine: Um escritor que já é um de nossos melhores, assumindo riscos e encontrando meios de ser melhor. Um livro danado de bom, repazes e garotas.

Resenha 2: Cada geração literária tem seus vilões baratos, personagens estereotipados que farão a audiência vaiar e assobiar quando eles aparecem no palco. Foi o banqueiro ganancioso no melodrama do século XIX; na ficção científica dos 1970, foi a Grande Corporação Suja; e agora mesmo, o mais comum vilão barato é um Falwelliano ou

Bakkeróide pregador de TV.

Mas eu não penso que haja algum sinal mais certo de preguiça ou preensão do autor do que fazer tiro fácil em Richard Nixon. Ele é o anti-fone fácil de nosso tempo, o homem que você pode odiar sem ter que explicar porque.

A marca registrada de Bishop em seus primeiros trabalhos tem sido sua recusa em criar vilões unidimensionais. Ele insiste em empatizar-se com os caras maus, tanto que mesmo quando nós sabemos que o que eles estão fazendo é errado, talvez maléfico, nós ainda podemos entender como eles justificam suas ações a si mesmos.

Contudo, a versão de Nixon por Bishop não é um personagem, é uma caricatura. Nada excusa dizer que Bishop está criando uma História alternativa, ou fazendo um ponto político, ou "apenas escrevendo ficção". O personagem é Nixon, Bishop faz um monstro dele, e isso torna o seu, por outro lado bom romance, num exercício de falsidade.

O que seria se um conservador houvesse escrito um romance passado em 1945, com Franklin Roosevelt, ao início de seu quarto mandato, tendo estabelecido uma horrível e repressiva ditadura comunista nos Estados Unidos, assassinando fazendeiros no meio-oeste americano do modo que Stalin esfomeou e massacróu os kulaks da Ucrânia? Nós não chamaríamos tal livro uma crítica política destrutiva, barata e mesquinha?

E se o livro terminasse com uma cena repulsiva na qual Roosevelt revelasse ser, não humano de modo algum, mas um monstro preso à cadeira de rodas, o próprio Satã, nós não desmentiríamos o autor desse livro como um demagogo desonesto e sem princípios?

Todavia para os inimigos de Roosevelt ele parecia tão perigoso quanto Nixon pareceu a ele. Roosevelt realmente governou por quatro mandatos; ele realmente tentou embrulhar a Corte Suprema. Mas nenhum autor, embora zeloso em suas crenças políticas, poderia escrever uma história sobre FDR tão destituída de inteligência e compaixão sem perder o direito de ao menos um pouco do respeito de seus pares.

A diferença é, muitos dos pares de Bishop concordam com ele em sua aversão por Richard Nixon que poucos repreendê-lo-ão. Aqueles que o fizerem serão certamente acusados de gostar de Nixon (exatamente como aqueles que se opuseram a McCarthy foram acusados de serem pró-comunistas. Mas tão longe quanto consigo ver, cabeça-de-alfinete da Esquerda não é melhor que cabeça-de-alfinete da Direita. É a mesma doença — a recusa em acreditar que seu oponente poderia ser razoável, temperado, generoso, sincero. Todavia quando você se recusa a admitir que seu inimigo seja mesmo humano, então ocorre-me que você, e não seu inimigo, é que é o perigoso.

E o mais frustrante de tudo — o motivo porque eu estou mencionando isto, em vez de simplesmente ignorar o livro — é o fato de que Michael Bishop sabe fazer melhor. E neste romance ele poderia ter feito melhor. Ele poderia ter fornecido algum tipo de iluminação, como faz em cada outro de seus trabalhos que li; uma explicação compassiva do coração humano. Não há nada nos primeiros dois terços do livro que impediria Bishop de iluminar-nos, não até a página 286, onde ele inicia seu deslizamento colina abaixo rumo ao barato ao usar o mais mofado clichê de todos — mostrar-nos que seu vilão é realmente mau, ele tem Nixon planejando uma guerra nuclear não provocada.

Tantas histórias estúpidas têm usado o tolo personagem do louco que quer explodir o planeta. Esta pseudo-ameaça poderia ainda ter um lugar nos desenhos das manhãs de sábado, mas não num livro de Michael Bishop. E é indecente da parte dele sugerir que Richard Nixon — que é, afinal, um ser humano real, não uma construção fictícia — desejaria jamais a destruição do mundo. Como Bishop sentir-se-ia se alguém o colocasse numa história e o acusasse de querer tal coisa? A licença poética que Bishop recebeu ao nascer dá-lhe o direito de dizer o que lhe compraz; mas eu não penso que está certo usar esse direito para negar a humanidade de outro ser humano, mesmo no reino supostamente inofensivo da ficção.

Irreconciliável: Porque este livro é tão maravilhosamente bem feito, aqueles que acreditam na arte pelo propósito da arte e negam que as histórias deveriam ser julgadas no terreno da moral irão encatar-se com THE SECRET ASCENSION. E assim irão aqueles que odeiam Nixon além da razão. Mas aqueles que acreditam que é a dimensão moral das histórias que as torna dignas de contar e ler em primeiro lugar, sentir-se-ão desconfortáveis com um livro que perpetua o equivalente literário de um linchamento. — Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo

- Bob Sessions, leitor **ANALOG PRESENTS: THUNDER AND ROSES** por Theodore Sturgeon; **ROCKABYEBABY** por S.C.Sykes (Listen For Pleasure, Inc., 25 Mallard Road, Don Mills, Ontario, Canada M3B 1S4; 2 audiocassetes)

Desde que estou viajando a serviço quatro horas por semana neste outono através de um trecho da Carolina do Norte árido em rádios, pensei que seria uma oportunidade dourada para escutar livros e histórias em cassete. Esta seleção de duas histórias de Analog chamou minha atenção, principalmente porque, embora **ROCKABYEBABY** seja uma das melhores histórias de 1985, é também uma história muito intelectual e estética — de modo algum uma que deveria funcionar bem quando lida em voz alta.

Eu estava certo e errado. **ROCKABYEBABY** é uma história extraordinária não importa o que; mas a ação e atitude de **THUNDER AND ROSES** deixa claro o quanto melhor uma história de ação funciona quando lida em voz alta. Infelizmente, **THUNDER AND ROSES** é tão profun-

damente atada aos anos 50 que perde sua imediação; há lembranças constantes de que, embora alguns dos temas políticos ainda estejam vivos, os personagens foram criados para viver num mundo que deixamos há muito tempo atrás de nós.

Todavia, ela entrega uma forte mensagem sobre agir pelo bem da humanidade em vez de por orgulho nacional; e **ROCKABYEBABY** é ainda um estudo seco sobre um homem forçado a escolher entre guardar suas lembranças ou permanecer um tetraplégico. Bob Sessions faz um bom trabalho de leitura, embora use às vezes, vozes engraçadas como um substituto para a interpretação dramática dos personagens.

Eu sou um grande crente em narração oral de histórias. As intensidades dessas produções encorajam-me sobre possibilidades, e as falhas apontam mais claramente o quão longe os contadores de histórias moveram-se saindo da linguagem oral, em suas histórias. — Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo.

- Roger Reynolds, ed. **THE FUTURE FOCUS BOOK OF LISTS II: THE SEQUEL** (Future Focus Science Fiction Specialties, 1301 Bernard Ave., Findlay OH 45840; brochura, 8,5 x 11; 90 pp)

Algumas das listas são fenomenalmente, maravilhosamente estúpidas. Algumas são sérias — talvez até inteligentes. Há sinais de que ao menos alguns dos contribuintes deste livro formato-revista devem mais a David Letterman do que a David Wallechinsky na idéia deles do que faz uma boa lista dos dez mais — Como a "As Dez Listas Menos Edificantes que Poderia Ser Feitas", de Marion Zimmer Bradley, e "Dez Listas que Eu Poderia Ter Recusado Mas Não o Fiz", de Michael P. Kube-McDowell.

Em resumo, eu me diverti muito lendo isto. Eu nem mesmo me preocupei, nem um pouquinho, nem por um segundo, que James Gunn não incluisse nenhum de meus livros em sua listagem de "Uma Biblioteca Básica de Ficção Científica". (Afinal, a lista de Barry B. Longyear dos "Dez Filmes Mais Estúpidos Já Feitos" consiste inteiramente de *Enemy Mine*; se ele pode ser auto-ofuscante, eu posso fingir não ter ego, também.)

Todos os rendimentos deste livro, depois dos custos terem sido reembolsados, vão para o Polly Freas Memorial Fund. Não há muitas publicações por aí que o deixam divertir-se e sentir-se nobre ao mesmo tempo. — Trad. Antonio de Sousa Causo.

RESENHAS E CRITICAS EM FEVEREIRO DE 1988

- Gene Wolfe **THE URTH OF THE NEW SUN** (Tor, encadernação em pano, outubro de 1987, 384pp)

Severiam fora o autarca de toda Urth — uma história recontada no brilhante épico em quatro volumes de Wolfe, **THE BOOK OF THE NEW SUN**. Agora ele foi para o espaço tentar trazer o Novo Sol para substituir o sol moribundo de Urth. Para efetuar isto, ele deve passar por um terrível teste, no qual ele é julgado por aqueles que têm mais razão de odiá-lo. E se for bem sucedido, então no processo de salvar Urth dando-lhe um novo astro, ele causará tamanha enchente e devastação que a civilização será destruída.

É uma cruel escolha a fazer — mas Severian nasceu para fazê-la, e neste livro, Wolfe leva-o para a beira da divindade. No caminho, Wolfe mostra-nos maravilhas na melhor tradição da ficção científica:

A nave em que viaja Severian, que passa dentro e fora do tempo em viagens entre estrelas, mastros projetando-se em todas as direções, e um labirinto de passagens e porões abaixo. No convés, pessoas usam colares que retêm a atmosfera à volta delas; um maravilhoso senso de liberdade, o oposto das usuais claustrofóbicas e enlatadas imagens de viagem espacial. Wolfe faz os velhos milagres do voo estelar parecerem novos outra vez — ausência de peso, reentrada, hiperespaço, todos sob outros nomes, são capturados e revividos como se ninguém houvesse usado tais artifícios antes.

A nave é controlada por um demigod, e uma guerra civil grassa entre a tripulação e os "apports", animais e pessoas que são de algum modo sugadas de outros mundos para a nave. Um destes é Zak, uma criatura camaleão que se transforma fisicamente no que quer que seu mais perigoso predador seja — no caso de Zak, o homem. Nós conhecemos uma mulher de uma raça que fala silenciando todos os sons ambientes não desejados, literalmente cortando todos os ruídos que não são parte da sua mensagem. E no processo da história nós temos o estofo de alto romance: desmascaramento, transformação, mudança de forma, auto-encontro, travessia de água, a jornada para a terra da morte, a visita ao paraíso — cada arquétipo que é sentido como inevitável e importante para os seres humanos são reais neste livro.

Acima de todos estes, todavia, está a maravilha do profundo entendimento de Wolfe, das complexas motivações das almas humanas, e sua irrecuável busca por Deus: o Não-criado, que ama e precisa do homem, cujo propósito atrai, mas não nos conduz — um Deus a ser buscado, a ser emulado, e, tendo sido encontrado, bem vale a busca. Não, de fato, onipotente, mas todo amor, que nos dá todo o poder que pode ser tido. E o universo deste livro é um ciclo de universos, cada um com seu próprio Conciliador, seu próprio Novo Sol, cada um gerando ao próximo. Eu me encontrei acreditando nestas pessoas, em seu Deus, nesse ciclo de Universos; para mim, as palavras de Wolfe beiram o bíblico. Como um quinto testamento, este livro

pode ser lido como alegoria cristã; mas ele nunca faz pregações. Ele pode ser admirado como arte; você pode amar as pessoas e observar, arrebatado, quando o romance de história plana se desdobra.

Se há uma falha neste livro, ela está na contradição que toda obra de Wolfe tem: seus detalhes são tão apropriados, suas cenas tão ricas e completas, que em seu intenso foco no momento é fácil perder a linha global da história. Eu me achei imerso no agora do livro, mas freqüentemente confuso quanto à conexão entre o agora e todos os outros momentos do livro. Ainda que eu não saiba como seria possível manter essa linha sem sacrificar algo da riqueza de sua realidade. Então sugiro que para ler este livro, você simplesmente coloque-se nas mãos de Wolfe e confie nele para conduzi-lo a um fim apropriado, mesmo se você esteja ocasionalmente perdido ao longo do caminho.

Se você não leu *THE BOOK OF THE NEW SUN*, eu acredito que *THE URTH OF THE NEW SUN* ainda será satisfatório. Se você leu o trabalho anterior, achará esta seqüência espantosa enquanto tanto transforma e preenche os livros anteriores. Poucos escritores ousam tentar uma Grande Obra; Wolfe tenta-o e consegue. — Trad. Roberto de Sousa Causo.

● **Tim Powers** *ON STRANGE TIDES* (Ace, encadernação em pano, novembro de 1987, 326pp)

Um de meus livros favoritos no começo dos meus anos de leitura foi *CAPITÃO BLOOD* de Rafael Sabatini. Mais tarde eu vim a gostar de outras histórias de navegantes — os livros *Hornblower*, a trilogia *Bounty* de Nordhoff e Hall — mas o conto fanfarrão do inocente doutor irlandês que terminou vivendo uma vida de pirataria no Caribe é ainda mágico para mim. Nenhum outro romance invocou aquele mesmo fogo romântico em minha imaginação que vem daquela mistura da liberdade do mar, da camaradagem dos homens perdidos e perseguidos, e do perigo brutal e veloz dos costados, âncora e abordagem no alto mar.

Até agora: Tim Powers é o apóstolo da História gonzo, e *ON STRANGE TIDES* é tão bom quanto o contar histórias sempre consegue. Ele achou um modo de unir poderosa magia índia, vodu negro, um cientista inglês levado à loucura com a dor da morte de sua esposa, e o príncipe Barba Negra, determinado a viver para sempre. Opondo-se a todos eles está John Chandgnac, um ex-marionetista que veio ao Caribe para confrontar o tio que tapeara o pai de John em sua herança de direito. Capturado por piratas, John se acha reabilitado como Jack Shandy; ele também descobre que sua velha habilidade como marionetista pode salvar sua vida.

Eu desejaria poder dar uma resenha balanceada apontando as falhas neste livro. Mas eu não achei nenhuma. Powers escreve num claro e elegante estilo que ilumina sem diminuir o ritmo do conto. A história promete maravilhas e horrores, e os entrega todos. Você amará os personagens, você ficará acordado a noite toda lendo-o, e quando finalmente dormir, você descobrirá este história encenada através de seus sonhos.

Compre-o em capa-dura. Você quererá que ele tenha um lugar permanente em sua estante. Eu não posso esperar por meus meninos ficarem velhos o bastante para dar-lhes este livro — ele fará por eles o que *CAPITÃO BLOOD* fez por mim. — Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo.

● **Gregory Benford** *GREAT SKY RIVER* (Bantam Spectra, encadernação em pano, dezembro de 1987, 336pp)

É uma das mais poderosas tradições na ficção científica: a história de colonos humanos num planeta longínquo que, após incontáveis gerações, estão agora apanhados num mundo hostil sem esperança de escapatória. Mas, como deveríamos esperar, Gregory Benford pega a história tradicional e a faz fresca e real.

Quando os humanos moveram-se para o núcleo galáctico, eles esbararam nos Mechs, auto-replicantes e altamente adaptáveis máquinas inteligentes. Elas estão transformando o planeta Snowglade na sua espécie de mundo — um frio, seco deserto. Por um longo tempo, grupos de parentesco humano sobreviveram em Cidades — Rook, King, Knight, Bishop, Pawn. Mas na Calamidade, são dirigidos para fora, a Cidadela foi destruída, e agora o Mantis, um perigoso e agressivo Mech novo, os está caçando.

Benford sabe que numa longa guerra, os inimigos vão se assemelhando mais e mais. Isso é certamente verdadeiro aqui: os humanos uniram-se com tantas partes eletrônicas que eles se sentem quase desamparados quando forçados a trabalharem sem elas. Eles até mesmo usam eletrônicos para preservarem suas vidas — memórias e personalidade são puxados fora de homens e mulheres moribundos e então colocados nos cérebros de seus parentes vivos, onde como "aspectos" eles continuam a serem partes da vida da comunidade. Isto é apenas o início da rica invenção de Benford; a sociedade, as ferramentas, os personagens nesta história são exatamente certos.

Então, ao invés de estar desapontado que a história termine como tais histórias sempre terminam, eu estava deliciado; o livro é tão bom que nós podemos até mesmo deixar passar o uso colegia de sexo tolo como um momento climático atrasado no livro. Menos fácil de esquecer é seu uso do clichê de que é nosso senso de humor que nos faz humanos, que impede os inorgânicos Mechs de nos entenderem totalmente. Por favor, isso era velho nos 1950s, e era bobo na primeira vez que foi usado; alguém tão inteligente quanto Benford poderia certamente descobrir alguma coisa mais profunda e verdadeira que isso para distinguir humanos de máquinas inteligentes.

Mas não se importe; você só tem que ranger os dentes um par de ve-

zes, e o resto do livro é tão bom que você provavelmente terminará pondo *GREAT SKY RIVER* em seu voto de indicação para o Prêmio Hugo de qualquer modo. Eu sei que eu o porei. Isto é o perfeito casamento de hard FC e space opera; podem com outros escritores de FC lerem este livro e verem como isso é feito. — Trad. Roberto de Sousa Causo.

● **Jack L. Chalker** *WHEN THE CHANGEWINDS BLOW* (Ace, brochura, setembro de 1987, 293pp)

De alguns de meus amigos com gostos bem literários eu continuo ouvindo o nome de Jack Chalker invocado como epítome do escritor sci-fi sem valor literário, o cara que pode produzir quatro ou cinco romances descuidados por ano. O mais veemente deles declarou que Chalker seria um irredimivelmente mau estilista, a espécie de escritor que faz Edgar Rice Burroughs parecer William Faulkner.

Mas quando eu conversei com Chalker, eu o ouvi falar sobre as histórias que conta com a espécie de intensidade e integridade que eu tenho reconhecido como a raiz de toda narrativa poderosa. Julgando por suas intenções, ao menos, Chalker é tão sério sobre sua arte quanto qualquer dos escritores que têm um bocado mais de respeito literário. E eu sabia de muitos leitores de FC que pensam de Chalker como a segunda vinda de Heinlein.

Eu nunca lera trabalho algum de Chalker. Agora eu li.

A primeira sentença estava gramaticalmente errada. Não levemente errada, mas flamejantemente errada. Como um editor de cópia profissional, eu acho essa espécie de coisa intolerável. Na primeira página, o desalinho de estilo tinha me contraído o bastante para causar suor. Eu quase fechei o livro, imaginando que os críticos de Chalker estavam certos.

Mas eu continuei lendo. E continuei lendo. E descobri que, enquanto os problemas de linguagem nunca foram embora completamente, eu logo parei de importar-me com eles. Porque Chalker sabe como contar uma história.

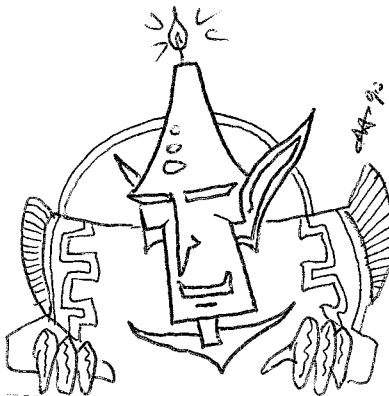
Charley Sharkin e sua melhor amiga Sam — ambas garotas com nomes de rapazes — são meninas colegiais suburbanas completamente normais, até que Sam se ache apanhada numa guerra noutro mundo, onde ela tem um análogo que quer sua morte. Um "aliado" cujos próprios motivos são bem dúbios as ajudam disfarçando-as como uma a outra — o que torna Charley bem incerta sobre as coisas, uma vez que isso faz dela o melhor alvo.

A longo de um enredo de aventura fanfarrã, Chalker nos dá algumas profundamente inquietantes variações num dos mais básicos dos arquétipos — disfarce e transformação. Contaram-e que é um evento constante num romance de Chalker haver uma mudança de sexo nos personagens, mas desde que eu só lera um de seus livros, isso certamente não era um clichê para mim. Outrossim, Chalker, um homem que (como eu) conhece as dores de uma guerra constante com adiposidade, dá o ousado passo de alusão pessoal, de ter um de seus personagens, em verdadeiro estilo indolente, transformado num contente e odiosamente gordo. Chalker trata verdadeiramente com auto-aversão e a busca por propósito e identidade. E todavia ele nunca esquece a fome do leitor por uma história que seja clara e importante e verdadeira. Resumindo, os profundos temas da boa arte estão lá, mas sem sacrificar a história plana que permite a insofisticados leitores viverem no mundo do autor.

Com base em um livro, Eu não posso dizer-lhe se Chalker é um grande escritor ou não. Eu posso dizer-lhe que ele é um danado de bom contador de histórias, e *WHEN THE CHANGEWINDS BLOW* é uma importante partida no que promete ser um agradável e importante trabalho de fantasia. Chalker ainda precisa deixar um editor de cópia fazer algumas sugestões, e então seguir umas poucas delas — isso só faria seu trabalho melhor, apenas como bons editores de cópia me ajudam e a cada outro escritor que conheço. Mas o desalinho de linguagem é só superficial; quando chega à história em si, Chalker é um mestre. — Trad. Roberto de Sousa Causo.

Notas: *IT'S A WONDERFUL LIFE* é uma história de Philip Van Doren Stern, filmada como *A FELICIDADE NÃO SE COMPRO*, por Frank Capra.

ENEMY MINE é uma novela de Barry B. Longyear vencedora, em 1980, do Hugo, Nebula e Locust, adaptada posteriormente como filme, dirigido por Wolfgang Petersen.



CLASSICS

OS INOCENTES

Por GILBERTO SCHOEREDER

Uma das coisas que mais alegra os fãs de filmes de terror, é poder falar e lembrar os filmes do passado, que assustavam sem mostrar sangue e vísceras. Isso, antes do festival "gore" que invadiu o cinema vindo dos EUA, principalmente após o "mestre" Herschell Gordon Lewis (no Brasil, mais citado do que visto).

"Os Inocentes" talvez seja o ponto máximo dessa filmografia do invulgar, mais ainda que as obras da famosa RKO, com o produtor Val Lewton e diretores do nível de Jacques Tourneur, Robert Wise e Mark Robson. Baseado na história não menos famosa de Henry James, "A Outra Volta do Parafuso" (The Turn of the Screw, 1898, editado no Brasil pela Abril Cultural em 1980), tem o roteiro assinado pelo excelente escritor Truman Capote (de "A Sangue Frio") juntamente com William Archibald, e a direção mais que competente de Jack Clayton.

Entre os créditos favoráveis, o diretor tem "O Grande Gatsby", de 1974, com Robert Redford e, em 1983, o ainda inédito no Brasil, "Something Wicked This Way Comes", produção dos estúdios Disney para a história clássica de fantasia de Ray Bradbury (não tão inédito assim, pois pode ser encontrado em vídeo, ainda que ilegal).

Para completar o quadro, a filmografia de Freddie Francis, e um grande elenco. Francis faria uma carreira razoável como diretor, para a Hammer, Amicus e outras companhias inglesas que brigavam pela liderança nos filmes de terror dos anos 60. Mas ele destacou-se mesmo como um dos melhores fotógrafos que o cinema já conheceu. Pamela Franklin, que interpreta a pequena Flora, teve sua carreira marcada por filmes de terror, o mais conhecido deles provavelmente o ótimo "A Casa da Noite Eterna" (Legend of Hell House, 73). Mas já em 65, ela passava maus bocados em "Nas Garras do Ódio" (The Nanny), com Bette Davis e o garoto William Dix. Em 67, já maiorzinha, trabalhou novamente com

Clayton no suspense "Todas as noites às Nove" (Our Mother's House). Quem não conhece esse é só ligar a televisão na Manchete, a qualquer hora. Eles vivem repricando.

Deborah Kerr é a governanta, Miss Giddens, contratada para cuidar da educação das crianças, Flora e Miles (Martin Stephens). O garoto foi expulso da escola por "corromper" outras crianças. Cá entre nós, ele é bem estranho mesmo. Em 1960 ele estava colocando uma cidade em estado de terror, no filme "A Aldeia dos Amaldiçoados" (Village of the Damned), chefiando o grupo de crianças-alien. Aqui, os dois irmãos estão sob o controle dos antigos criados de enorme e belíssima mansão onde moram, Quint (Peter Wyngarde) e Jessell (Clythie Jessop). O único problema é que os criados estão mortos. Michael Redgrave é o pai das crianças, que contrata a governanta e não quer mais saber de nada.

A partir de sua chegada, Kerr começa a presenciar uma série de acontecimentos estranhos, mostrados em cenas construídas com uma precisão fora do normal, muitas das quais se tornaram antológicas dentro do cinema do gênero. É assim com a "aparição" da falecida Jessell no lago, em plena luz do dia, ou as visões que Giddens tem de Quint, um rosto numa janela, ou no alto de uma torre. É a lágrima deixada pela aparição de Jessell numa página de um livro, numa sala onde, um instante antes, ouvia-se um choro.

Algumas críticas insistem no ponto de que o filme não pode ser comparado ao tema central do livro de James, que pretende deixar o leitor na dúvida quanto à existência dos fantasmas. A governanta é decididamente reprimida sexualmente, e transportaria seus medos às crianças, que começariam a ver fantasmas. Ao mostrar os falecidos claramente, o filme não deixaria dúvidas quanto à sua existência. No entanto, outras visões preferem achar que tudo o que é mostrado é

o reflexo do que Miss Giddens pensa estar vendo.

O que existe de certo é que "Os Inocentes" é uma obra prima do gênero. Um filme aterrorizante ainda hoje, quase trinta anos depois. Infelizmente, não é muito reprisado na TV, o que impede uma reavaliação mais detalhada. Em 1971 foi feita outra versão da obra de James, com Marlon Brando no papel de Quint, "Os Que Chegam com a Noite" (The Nightcomers), que não tem q' qualquer ponto em comum com "Os Inocentes"↓

OS INOCENTES - THE INNOCENTS, ING,
1961, FOX/ACHILLES.

Direção: Jack Clayton

Roteiro: Truman Capote e William Archibald

Fotografia: Freddie Francis

Música: Georges Auric

Elenco: Deborah Kerr, Martin Stephens, Pamela Franklin, Meg Jenkins, Michael Redgrave, Peter Wyngarde, Clythie Jessop, Isla Cameron, Eric Woodburn. 99 min. P&B.

CIÊNCIA - PROJETO S.E.T.I. - Jorge Luiz Calife - Continuação da pg. 26

neja captar os sinais de algumas sondas espaciais e transmiti-los para as escolas, via TV educativa. Algumas empresas vão doar micros para os ginásios e os estudantes aprenderão como programá-los para analisar os sinais vindos do espaço. "A pesquisa SETI entusiasma as crianças e estamos preparando um material educativo especial", diz a astrônoma.

A procura por vida inteligente no espaço fascina também os cientistas. A equipe do projeto SETI, reunida no Centro de Pesquisa Ames, na Califórnia, é um conjunto de idealistas. O diretor do projeto, Barney Oliver, deixou o cargo de vice-presidente da indústria eletrônica Hewlett Packard em 1981, para se dedicar à busca dos ETs. O físico do projeto, Kunt Cullere, é cego de nascença e nunca viu uma estrela. Mas espera poder ouvir o que elas tem a dizer.

Da equipe faz parte o veterano Frank Drake, que vê uma analogia entre a viagem de Colombo e o projeto SETI: "Estaremos buscando vozes através dos oceanos do espaço como os nossos antepassados um dia velejaram pelo mar, sem saber que terras e povos nos aguardam além do horizonte... O homem está a ponto de emergir de sua infância e tomar um lugar na comunidade de civilizações galácticas." Reitor do Colégio de Ciências Naturais da Universidade da Califórnia, Drake está convicto de que não estamos sós no espaço.

PAPÊRA
UIRANDÊ

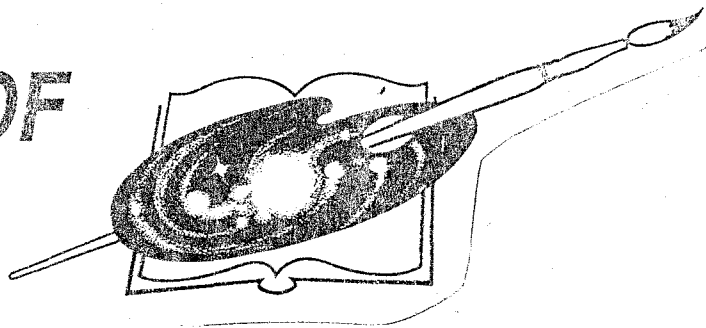
Publicação destinada à crítica e resenha de
ficção científica e fantasia.

fanzine de ficção científica

Caixa Postal 220 - Sumaré-SP - CEP 13170 - Fone: (0192) 73 2534

Artigos por: Jeremias Moranu
Orson Scott Card Roberto de Sousa Causo

L. Ron Hubbard's ILLUSTRATORS OF THE FUTURE CONTEST



OPEN TO NEW SCIENCE FICTION AND FANTASY ARTISTS WORLDWIDE

All Judging by Professional Artists Only
Frank Kelly-Freas, Co-ordinating Judge

\$1500 in Prizes Each Quarter No Entry Fee Entrants Retain All Rights

Quarterly Winners compete for
\$4,000 additional ANNUAL PRIZE
under Professional Art Direction

L. Ron Hubbard's
Illustrators of The Future Contest
Box 3190
Los Angeles, CA 90078

CONTEST RULES

1. The Contest is open to Entrants from all nations. (However, Entrants should provide themselves with some means for written communication in English.) All themes of science fiction and fantasy illustration are welcome: every entry is judged on its own merits only. No entry fee is required, and all rights in the entries remain the property of their artists.

2. By submitting work to the Contest, the Entrant agrees to abide by all Contest rules.

3. The Contest is open to those who have not previously published more than three black-and-white story illustrations, or more than one process-color painting, in media distributed nationally to the general public, such as magazines or books sold at newsstands, or books sold in stores merchandising to the general public. The submitted entry shall not have been previously published in professional media as exemplified above.

If you are not sure of your eligibility, write to the Contest address with details, enclosing a business-sized self-addressed envelope with return postage. The Contest Administration will reply with a determination.

Winners in previous quarters are not eligible to make further entries.

4. Only one entry per quarter is permitted. The entry must be original to the Entrant. Plagiarism, infringement of the rights of others, or other violations of the Contest rules will result in disqualification.

5. An entry shall consist of three illustrations done by the entrant in a black-and-white medium. Each must represent a theme different from the other two.

6. ENTRIES SHOULD NOT BE THE ORIGINAL DRAWINGS, but should be large black-and-white photocopies of a quality satisfactory to the entrant. Entries must be submitted unfolded and flat, in an envelope no larger than 9 inches by 12 inches.

All entries must be accompanied by a self-addressed return envelope of the appropriate size, with correct U.S. postage affixed. (Non-U.S. Entrants should enclose International Postal Reply coupons.)

If the Entrant does not want the photocopies returned, the entry should be clearly marked DISPOSABLE COPIES; DO NOT RETURN, and a business-size self-addressed envelope with correct postage should be included so that judging results may be returned to the Entrant.

7. To facilitate anonymous judging, each of the three photocopies must be accompanied by a removable cover sheet bearing the artist's name, address, and telephone number, and an identifying title for that work. The photocopy of the work should carry the same identifying title, and the artist's signature should be deleted from the photocopy.

The Contest Administration will remove and file the cover sheets, and forward only the anonymous entry to the judges.

8. To be eligible for a quarterly judging, an entry must be postmarked no later than the last day of the quarter.

Late entries will be included in the following quarter, and the Contest Administration will so notify the Entrant.

9. There will be three co-winners in each quarter. Each winner will receive an outright cash grant of U.S. \$500.00, and a certificate of merit. Such winners also receive eligibility to compete for the annual Grand Prize

of an additional outright cash grant of \$4000.00 together with the annual Grand Prize trophy.

10. Competition for the Grand Prize is designed to acquaint the Entrant with customary practices in the field of professional illustrating. It will be conducted in the following manner:

Each winner in each quarter will be furnished a Specification Sheet giving details on the size and kind of black-and-white illustration work required for Grand Prize competition. Requirements will be of the sort customarily stated by professional publishing companies.

These specifications will be furnished to the Entrant by the Contest Administration, using Return Receipt Requested mail or its equivalent.

Also furnished will be a copy of a science fiction or fantasy story, to be illustrated by the Entrant. This story will have been selected for that purpose by the Co-ordinating Judge of the Contest. Thereafter, the Entrant will work toward completing the assigned illustration.

In order to retain eligibility for the Grand Prize, each Entrant shall, within thirty (30) days of receipt of the said story assignment, send to the Contest address the Entrant's black-and-white page illustration of the assigned story in accordance with the Specification Sheet.

The Entrant's finished illustration shall be in the form of camera-ready art prepared in accordance with the Specification Sheet and securely packed, shipped at the Entrant's own risk. The Contest will exercise due care in handling all submissions as received.

The said illustration will then be judged in competition for the Grand Prize on the following basis only:

Each Grand Prize judge's personal opinion on the extent to which it makes the judge want to read the story it illustrates.

The Entrant shall retain copyright in the said illustration.

11. The Contest year will continue through September 30, 1990, with the following quarterly periods (See Rule 8):

October 1 - December 31, 1989
January 1 - March 31, 1990
April 1 - June 30, 1990
July 1 - September 30, 1990

Entrants in each quarter will be individually notified of the quarter's judging results by mail. Winning entrants' participation in the Contest shall continue until the results of the Grand Prize judging have been announced.

Information regarding subsequent contests may be obtained by sending a self-addressed business-size envelope, with postage, to the Contest address.

12. The Grand Prize winner will be announced at the L. Ron Hubbard Awards event to be held in the calendar year 1991.

13. Entries will be judged by professional artists only. Each quarterly judging and the Grand Prize judging may have a different panel of judges. The decisions of the judges are entirely their own, and are final.

14. This contest is void where prohibited by law.